

AS IMPUREZAS
DO BRANCO
**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**



COMPANHIA DAS LETRAS



COLEÇÃO CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
CONSELHO EDITORIAL

Antonio Carlos Secchin
Davi Arrigucci Jr.
Eucanaã Ferraz
Samuel Titan Jr.

**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
AS IMPUREZAS
DO BRANCO

POSFÁCIO
Betina Bischof

COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Ao Deus Kom Unik Assão
Diamundo
O homem; as viagens
Confissão
O nome
Declaração em juízo
Essas coisas
Papel
Viver
Duração
Parolagem da vida
Amor e seu tempo
Quero
Ainda que mal
Paisagem: como se faz
O museu vivo
O pagamento
Acorda, Maria
Desabar
A dupla situação
Moinho
Meninos suicidas
Vida depois da vida
Único
O Deus de cada homem
Deus triste
Quixote e Sancho, de Portinari
 I. Soneto da loucura
 II. Sagração

- III. O esguio propósito
- IV. Convite à glória
- V. Um em quatro
- VI. O derrotado invencível
- VII. Coro dos cardadores e fabricantes de agulhas
- VIII. A lã e a pedra
- IX. Esdruxularias de amor penitente
- X. Petição genuflecta
- XI. Disquisição na insônia
- XII. Briga e desbriga
- XIII. O macaco bem informado
- XIV. No verde prado
- XV. O recado
- XVI. Aqui del-rei
- XVII. Aventura do cavalo de pau
- XVIII. Saudação do Senado da Câmara
- XIX. Solilóquio da renúncia
- XX. Na estrada de Saragoça
- XXI. Antefinal noturno

Tiradentes

Beethoven

Homenagem

Ausência de Rodrigo

O poeta irmão

Desligamento do poeta

Entre Noel e os índios

Brasil/Tarsila

Motivos de Bianco

Fayga Ostrower

Pintura de Wega

Canto brasileiro

Canto mineral

A palavra Minas

Fim de feira

O mar, no *living*

Livraria

Verão carioca

Vênus

O passarinho em toda parte

Aspectos de uma casa

Criação

O living

O quarto dos rapazes

O quarto de Pedro

O quarto de Maria

O quarto de banho

Posfácio

Os impasses do tempo, BETINA BISCHOF

Leituras recomendadas

Cronologia

Índice de primeiros versos

Crédito das imagens

AS IMPUREZAS DO BRANCO

AO DEUS KOM UNIK ASSÃO

Eis-me prostrado a vossos peses
que sendo tantos todo plural é pouco.
Deglutindo gratamente vossas fezes
vai-se tornando são quem era louco.
Nem precisa cabeça pois a boca
nasce diretamente do pescoço
e em vosso esplendor de auriquilate
faz sol o que era osso.

Genucircunflexado vos adouro
vos amouro, a vós sonouro
deus da buzina & da morfina
que me esvaziais enchendo-me de flato
e flauta e fanopeia e fone e feno.
Vossa pá lavra o chão de minha carne
e planta beterrabos balouçantes
de intenso carneiral belibalentes
em que disperso espremo e desexprimo
o que em mim aspirava a ser eumano.

Salve, deus compato
cinturão da Terra
calça circular
unissex, rex
do lugarfalar
comum.

Salve, meio-fim
de finrinfim

plurimelodia
distriburrida no planeta.

Nossa goela sempre sempre sempre escãocarada
engole elefantes
engole catástrofes
tão naturalmente como se.
E PEDE MAIS.

A carne pisoteada de cavalos reclama
pisaduras mais.
A vontade sem vontade encrespa-se exige
contravontades mais.
E se consome no consumo.

Senhor dos lares
e lupanares
Senhor dos projetos
e do pré-alfabeto
Senhor do ópio
e do cor-no-copo
Senhor! Senhor!
De nosso poema fazei uma dor
que nos irmane, Manaus e Birmânia
pavão e Pavone
pavio e povo
pangaré e Pan
e Ré Dó Mi Fá Sol-
apante salmoura
n'alma, cação podrido.
Tão naturalmente como se
como ni
ou niente.

Se estou doente, devo estar doentes.

Se estou sozinho, devo estar desertos.
Se estou alegre, devo estar ruidosos.
Se estou morrendo, devo estar morrendos?

Compro. Sou
geral.
É pouco?
Multi
versal.
É nada?
Sou
al.

Dorme na tumba a cultura oral.
Era uma vez a cultura visual.
Quando que vem a cultura anal
na recomposta aldeia tribal?

O meio é a mensagem
O meio é a massagem
O meio é a mixagem
O meio é a micagem
A mensagem é meio
de chegar ao Meio.
O Meio é o ser
em lugar dos seres,
isento de lugar,
dispensando meios
de fluorescer.

Salve, Meio. Salve, Melo.
A massa vos saúda
em forma de passa.

Não quero calar junto do amigo.
Não quero dormir abraçado

ao velho amor.
Não quero ler a seu lado.
Não quero falar
a minha palavra
a nossa palavra.
Não quero assoviar
a canção parceria
de passarinho/aragem.
Quero komunikar
em código
descodificar
recodificar
eletronicamente.

Se komuniko
que amorico
me centimultiplico
scotch no bico
paparico
rio rico
salpico
de prazer meu penico
em vosso honor, ó Deus komunikão.

Farto de komunikar
na pequenina taba
subo ao céu em foguete
até a prima solidão
levando o som
a cor, o pavilhão
da komunikânsia
interplanetária interpatetal.
Convoco os astros
para o coquetel
os mundos esparsos
para a convenção

a inocência das galáxias
para a notícia
a nivola
o show de bala
o sexpudim
o blablabum.

E quando não restar
o mínimo ponto
a ser detectado
a ser invadido
a ser consumido
e todos os seres
se atomizarem na supermensagem
do supervácuo
e todas as coisas
se apagarem no circuito global
e o Meio
deixar de ser Fim e chegar ao fim,
Senhor! Senhor!
quem vos salvará
de vossa própria, de vossa terrível
estremendona
inkomunikhassão?

DIAMUNDO

24H DE INFORMAÇÃO NA VIDA DO JORNALEDOR

Tempo

nublado em Amsterdã, temperatura 2°C

nublado em Frankfurt am Main, 4°C

chuva em Londres, 5°C

nublado em Moscou, menos 10°C

nublado em Telavive e Beirute, 18°C

bom em Hong Kong, 22°C

chuva em Nova York, 2°C

neve em Montreal, menos 8°C

nublado em Lima, 22°C

nublado em Buenos Aires, 30°C

bom no Rio de Janeiro, 40°C

Cariocas terão praia espetacular

Índice de poluição

na Rodoviária de São Paulo:

12:6 satisfatório

Na Rua Tamandaré 693

15:7 insatisfatório

Recorde de partículas no centro do Rio de Janeiro

em torno do Palácio da Justiça

Crise monetária superada

até a próxima vez

A China é azul

no Teatro Ipanema

Teólogos holandeses observam:
Jesus
jamais se declarou Deus

Anunciamos uma vida melhor
no Alto da Consolação:
2 apartamentos por andar
acabamento personalizado
3 bucólicos espaçosos dormitórios
e respectivos banheiros sociais
metais de linha italiana
área de serviço com A e S maiúsculos
Condições?
Conversando a gente se entende

Nossa opinião:
Os números referentes à expansão
do crédito ao consumidor
e a política de diversificação
de polos de desenvolvimento
mantida a taxa anual de 10%
de crescimento do PIB
com fundos mútuos de investimento
servindo de suporte
à criação do mercado de milagres
digo preferenciais ao portador
em ritmo agressivo
e tal e coisa
e blá
e blé
e blu

Hactyphonix acoplado
a qualquer sistema telefônico
usa a memória

para você não perder
a cabeça

Mortalidade infantil decresce
em países do 3º mundo
mas a dieta dos sobreviventes
diz J. M. Bengos da Organização Mundial de Saúde
continua deficitária
e os cromossomos se alteram
nas crianças mal nutridas
segundo pesquisadores mexicanos

Companhia de seguros vende carros trombados

Sociedade de Defesa da Tradição
Família e Propriedade
volta à rua três anos depois
para combater cursilhos

Você que gosta
dos prédios de estilo neoclássico
e colonial americano
que Adolfo Lintermeyer construiu
vai gostar ainda mais
do seu novo, soberbo
estilo mediterrâneo

Grileiros roubam
um milhão de hectares no Maranhão
com escrituras primorosamente falsas

Pode-se admitir
nos dias que vivemos
paquerar sem carro?
Revendedor Relâmpago resolve

Ainda mínima nossa exportação de banana:
menos de 2%
de 492 900 toneladas de cachos produzidos

Oportunidade para
operadora Olivetti
operadora Ruff
operadora Burroughs
operador Ascotta

Imposto de Renda investiga
vida e luxo de 49 000 sonegadores

Técnicas sofisticadas
de rastrear objetos no espaço
revelam
cometas e asteroides perdidos
(supunha-se) para sempre

No Conjunto Blue Moon moram com você
o fabuloso Marlon Brando
Raquel Welch, Cantinflas, Tom & Jerry
Liza Minnelli, Gian Maria Volonté
e quantos mais e todos todas
à hora que quiser pode mandá-los
embora sem problema
Conjunto Blue Moon tem uma sala
de projeção para você

Uma flauta emudece: Pixinguinha

Se Rui Barbosa desse aulas em cursinho
seria neste aqui

Liquidação de eletrodomésticos
ofertas de

perder o sono
derrubar por nocaute
matar do coração

323 casos de afogamento
no feriado nacional

Não precisa arranjar
empregada pequena:
ela cabe no quarto

Piloto alemão no Polo Norte
alimenta-se de carne de enfermeira

Apresentamos a primeira calça brasileira
que desbota —
e perde o vinco

Conquista do Planeta dos Macacos
Esta pequena é uma parada
Mazzaropi caipira em Bariloche
O insaciável Marquês de Sade
com suas orgias que até hoje corrompem o mundo
no Cine Ajax

Japonês em Gifu mata a punhal
dois filhos paralíticos quarentões: —
No dia em que eu morrer, quem tomaria
conta deles?

Grupo Sabiá requer área de ouro
em Rondônia
onde garimpeiro não entra

Apartamento de fino gosto
procura

família de fino trato
Vale a pena atender ao chamado no Sumaré

Morre no Recife carnaval dos frevos

Moça para contato junto a engenheiros e arquitetos
Moça para pesquisa de mercado
Moça para acabamento em laboratório fotográfico a cores
Moça de boa aparência, 25 anos no máximo
para servir café a executivos

Polícia Federal no Rio Grande do Norte
apreende caminhão com 55 lavradores
vendidos ao preço unitário de 60 cruzeiros
ao fazendeiro Zé Ricota de Goiás

Compre 160 000 quilômetros de Europa
por apenas 130 dólares
percorrendo 13 países
em 3 semanas
em trem de 1ª classe
à velocidade máxima de 160 quilômetros a hora

Aumenta a dimensão da crise petrolífera

Dê uma colher de chá aos ricos
Vá morar com eles
no Jardim Sul-América

Vedado o cultivo de papoula
na Turquia
mas a Bolívia exporta cada vez mais
coca

Empresa de âmbito nacional necessita

selecionador de pessoal
analista de treinamento
analista de projetos de diversificação
assistente de custos industriais
administrador de salários
secretária portinglês
de amplo background intelectual
telefonista jap-port
terapeuta ocupacional
contínuo maior
contínuos menores

Bairro nota 10
em questão de sossego
ruazinha sem trânsito
sem barulho nenhum
sem prédios vizinhos
hoje e sempre:
Este é para quem sabe
comprar apartamento
Depois não diga
que não o prevenimos

Ilona Papicsik, 25, professora
para fins didáticos ficou nua
em classe mista de 4 a 12 anos
Malgrado a perfeição extrema de seu corpo
é processada em Swansea

Nada como comprar
carro novo com dinheiro dos outros

Argentina suspende estado de sítio
por 24 horas
para que haja eleições livres

Você tem 80 meses para pagar
350 m² de ideologia de conforto
na Barra da Tijuca

Mulher nega-se a dançar
é morta com 12 facadas

Ao Menino Jesus de Praga
agradeço a graça conseguida
Ao glorioso São Judas Tadeu
agradeço a graça alcançada
A Nossa Senhora das Graças
de joelhos agradeço a graça recebida

Em volta do seu edifício
num raio de 80 metros você tem
o melhor pão de São Paulo
haute coiffure
médicos dentistas farmácias
ruas fantasticamente arborizadas
Que mais que você quer?

Povo lincha ladrão
a soco a pé a pau
e reparte 240 cruzeiros que ele roubou

Receita para o lanche de domingo:
sopa gelada de pepino
bife com pão torrado e catary
rocambole de laranja

Programador IBM/3
conhecendo RPG
Cobol

e programação com memória de massa
Processador de produção
Supervisor de programação de produção
Perseguidor de compra
Conciliador bancário
Reconciliador bancário
Auditor sênior
& júnior
Analista de Software com profundos conhecimentos
de Assembler, de preferência o/s e PL/I
Engenheiro de produção com espírito analítico
e comunicabilidade

Bandera de siô meu pai
novo LP de Tatá Molejo
é o quente:
Bandera de siô meu pai
tem treis siná.
Meu pai é rei do Coló
é rei do má

21 presos trucidam na cela
dois companheiros que dormiam

Compre
18 graus de conforto de Lagoa Rodrigo de Freitas
De qualquer andar uma visão maravilhosa

O mundo pode parar
Há falta de petróleo

E volta, milenário, o jogo de gamão

Precisa-se com urgência
homens de venda

homens de venda
homens de venda
homens de venda
homens de venda

Médico pretende
esterilizar jovens diabéticos

Nesta cobertura você vai descobrir
novo conceito de viver
living em duplo L e 3 ambientes
música FM na área social
acabamento para não acabar nunca
piscina jardim
montanhas ao longe
sem aumento de preço

Exercícios
para o melhor desempenho sexual
do homem e da mulher
em todas as bancas

Armando Nogueira previne:
Fischer é capaz
de comer o gramado
e arrancar a dentada
as traves adversas
Ele é muito capaz

Jazigos familiares
em cômodas prestações desde Cr\$ 160,00
Play Strindberg
O genro que era nora
Vida encarece em Betim
com a notícia da fábrica da Fiat

Pequenininho
lindinho
baratinho
enfim aquele apartamento para quem gosta
de diminutivos
e já decidiu o tamanho
da família

Vênus em trígono: muitas alegrias
para Leão.
Aquário, aproveite
a onda de charme que o invadirá,
para atrair o homem certo.
Prudência, Touro, olha os assuntos monetários.
Libra: seus parentes estão de mau humor.
Possível angústia; controle-se,
Capricórnio

Na data de hoje nenhum santo
é comemorado pela Igreja

Obá é manja é mambá
Ô mira ô mira ô tim tim
Minha fé ô bara ô tolu
Para lô cotumbê Euá

Viúva fluminense, 37, almeja
travar relação de alto nível
com senhor de maneiras aristocráticas
tendo em vista somente
pura degustação intelectual.

Bomba francesa explode
no Pacífico
Sequestrador faz explodir avião

Nasce em Bogotá um menino
inteiramente verde-mar.

UPI-AP-AFP-ANSA-JB

O HOMEM; AS VIAGENS

O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte — ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro — diz o engenho
sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,

vê o visto — é isto?

idem

idem

idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para tener?
Não-vê que ele inventa
roupa insiderável de viver no Sol.
Põe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícilima dangerousíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem

descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.

CONFISSÃO

É certo que me repito,
é certo que me refuto
e que, decidido, hesito
no entra e sai de um minuto.

É certo que, irresoluto
entre o velho e o novo rito,
atiro à cesta o absoluto
como inútil papelito.

É tão certo que me aperto
numa tenaz de mosquito
como é trinta vezes certo
que me oculto no meu grito.

Certo, certo, certo, certo
que mais sinto que reflito
as fábulas do deserto
do raciocínio infinito.

É tudo certo e prescrito
em nebuloso estatuto.
O homem, chamar-lhe mito
não passa de anacoluto.

O NOME

Estão demolindo
o edifício em que não morei.
Tinha um nome
somente meu.

Meu, de mais ninguém
o edifício
não era meu.

Rápido passando
por sua fachada,
lia o nome
que era e é meu.

Cai o teto,
ruem paredes
internas.
Continua o nome
vibrando entre janelas
buracos.

Sigo a destruição
de meu edifício.
Amanhã o nome
letra por letra
se desletrará.

Ficará em mim
o nome que é meu?

Ficarei
para preservá-lo?

Amanhã o galo
cantará o fim
do que no edifício
e numa pessoa
cabe em um nome
e é mais do que nome?

DECLARAÇÃO EM JUÍZO

Peço desculpa de ser
o sobrevivente.
Não por longo tempo, é claro.
Tranquilizem-se.
Mas devo confessar, reconhecer
que sou sobrevivente.
Se é triste/cômico
ficar sentado na plateia
quando o espetáculo acabou
e fecha-se o teatro,
mais triste/grotesco é permanecer no palco,
ator único, sem papel,
quando o público já virou as costas
e somente baratas
circulam no farelo.

Reparem: não tenho culpa.
Não fiz nada para ser
sobrevivente.
Não roguei aos altos poderes
que me conservassem tanto tempo.
Não matei nenhum dos companheiros.
Se não saí violentamente,
se me deixei ficar ficar ficar,
foi sem segunda intenção.

Largaram-me aqui, eis tudo,
e lá se foram todos, um a um,
sem prevenir, sem me acenar,

sem dizer adeus, todos se foram.
(Houve os que requintaram no silêncio.)
Não me queixo. Nem os censuro.
Decerto não houve propósito
de me deixar entregue a mim mesmo,
perplexo,
desentranhado.
Não cuidaram de que um sobraria.
Foi isso. Tornei, tornaram-me
sobre-vivente.

Se se admiram de eu estar vivo,
esclareço: estou sobrevivivo.
Viver, propriamente, não vivi
senão em projeto. Adiamento.
Calendário do ano próximo.
Jamais percebi estar vivendo
quando em volta viviam quantos! quanto.
Alguma vez os invejei. Outras, sentia
pena de tanta vida que se exauria no viver,
enquanto o não viver, o sobreviver
duravam, perdurando.
E me punha a um canto, à espera,
contraditória e simplesmente,
de chegar a hora de também
viver.

Não chegou. Digo que não. Tudo foram ensaios,
testes, ilustrações. A verdadeira vida
sorria longe, indecifrável.
Desisti. Recolhi-me
cada vez mais, concha, à concha. Agora
sou sobrevivente.

Sobrevivente incomoda
mais que fantasma. Sei: a mim mesmo

incomodo-me. O reflexo é uma prova feroz.
Por mais que me esconda, projeto-me,
devolvo-me, provoco-me.
Não adianta ameaçar-me. Volto sempre,
todas as manhãs me volto, viravolto
com exatidão de carteiro que distribui más notícias.
O dia todo é dia
de verificar o meu fenômeno.
Estou onde não estão
minhas raízes, meu caminho:
onde sobrei,
insistente, reiterado, aflitivo
sobrevivente
da vida que ainda
não vivi, juro por Deus e o Diabo, não vivi.

Tudo confessado, que pena
me será aplicada, ou perdão?
Desconfio nada pode ser feito
a meu favor ou contra.
Nem há técnica
de fazer, desfazer
o infeito infazível.
Se sou sobrevivente, sou sobrevivente.
Cumpre reconhecer-me esta qualidade
que finalmente o é. Sou o único, entendem?
de um grupo muito antigo
de que não há memória nas calçadas
e nos vídeos.
Único a permanecer, a dormir,
a jantar, a urinar,
a tropeçar, até mesmo a sorrir
em rápidas ocasiões, mas garanto que sorrio,
como neste momento estou sorrindo
de ser — delícia? — sobrevivente

É esperar apenas, está bem?
que passe o tempo de sobrevivência
e tudo se resolva sem escândalo
ante a justiça indiferente.
Acabo de notar, e sem surpresa:
não me ouvem no sentido de entender,
nem importa que um sobrevivente
venha contar seu caso, defender-se
ou acusar-se, é tudo a mesma
nenhuma coisa, e branca.

ESSAS COISAS

“Você não está mais na idade
de sofrer por essas coisas.”

Há então a idade de sofrer
e a de não sofrer mais
por essas, essas coisas?

As coisas só deviam acontecer
para fazer sofrer
na idade própria de sofrer?

Ou não se devia sofrer
pelas coisas que causam sofrimento,
pois vieram fora de hora, e a hora é calma?

E, se não estou mais na idade de sofrer,
é porque estou morto, e morto
é a idade de não sentir as coisas, essas coisas?

PAPEL

E tudo que eu pensei
e tudo que eu falei
e tudo que me contaram
era papel.

E tudo que descobri
amei
detestei:
papel.

Papel quanto havia em mim
e nos outros, papel
de jornal
de parede
de embrulho
papel de papel
papelão.

VIVER

Mas era apenas isso,
era isso, mais nada?
Era só a batida
numa porta fechada?

E ninguém respondendo,
nenhum gesto de abrir:
era, sem fechadura,
uma chave perdida?

Isso, ou menos que isso,
uma noção de porta,
o projeto de abri-la
sem haver outro lado?

O projeto de escuta
à procura de som?
O responder que oferta
o dom de uma recusa?

Como viver o mundo
em termos de esperança?
E que palavra é essa
que a vida não alcança?

DURAÇÃO

O tempo era bom? Não era.
O tempo é, para sempre.
A hera da antiga era
roreja incansavelmente.

Aconteceu há mil anos?
Continua acontecendo.
Nos mais desbotados panos
estou me lendo e relendo.

Tudo morto, na distância
que vai de alguém a si mesmo?
Vive tudo, mas sem ânsia
de estar amando e estar preso.

Pois tudo enfim se liberta
de ferros forjados no ar.
A alma sorri, já bem perto
da raiz mesma do ser.

PAROLAGEM DA VIDA

Como a vida muda.
Como a vida é muda.
Como a vida é nuda.
Como a vida é nada.
Como a vida é tudo.
Tudo que se perde
mesmo sem ter ganho.
Como a vida é senha
de outra vida nova
que envelhece antes
de romper o novo.
Como a vida é outra,
sempre outra, outra
não a que é vivida.
Como a vida é vida
ainda quando morte
esculpida em vida.
Como a vida é forte
em suas algemas.
Como dói a vida
quando tira a veste
de prata celeste.
Como a vida é isto
misturado àquilo.
Como a vida é bela
sendo uma pantera
de garra quebrada.
Como a vida é louca
estúpida, mouca

e no entanto chama
a torrar-se em chama.
Como a vida chora
de saber que é vida
e nunca nunca nunca
leva a sério o homem,
esse lobisomem.
Como a vida ri
a cada manhã
de seu próprio absurdo
e a cada momento
dá de novo a todos
uma prenda estranha.
Como a vida joga
de paz e de guerra
povoando a terra
de leis e fantasmas.
Como a vida toca
seu gasto realejo
fazendo da valsa
um puro Vivaldi.
Como a vida vale
mais que a própria vida
sempre renascida
em flor e formiga
em seixo rolado
peito desolado
coração amante.
E como se salva
a uma só palavra
escrita no sangue
desde o nascimento:
amor, vidamor!

AMOR E SEU TEMPO

Amor é privilégio de maduros
estendidos na mais estreita cama,
que se torna a mais larga e mais relvosa,
roçando, em cada poro, o céu do corpo.

É isto, amor: o ganho não previsto,
o prêmio subterrâneo e coruscante,
leitura de relâmpago cifrado,
que, decifrado, nada mais existe

valendo a pena e o preço do terrestre,
salvo o minuto de ouro no relógio
minúsculo, vibrando no crepúsculo.

Amor é o que se aprende no limite,
depois de se arquivar toda a ciência
herdada, ouvida. Amor começa tarde.

QUERO

Quero que todos os dias do ano
todos os dias da vida
de meia em meia hora
de 5 em 5 minutos
me digas: Eu te amo.

Ouvindo-te dizer: Eu te amo,
creio, no momento, que sou amado.
No momento anterior
e no seguinte,
como sabê-lo?

Quero que me repitas até a exaustão
que me amas que me amas que me amas.
Do contrário evapora-se a amação,
pois ao dizer: Eu te amo,
desmentes
apagas
teu amor por mim.

Exijo de ti o perene comunicado.
Não exijo senão isto,
isto sempre, isto cada vez mais.

Quero ser amado por e em tua palavra
nem sei de outra maneira a não ser esta
de reconhecer o dom amoroso,
a perfeita maneira de saber-se amado:
amor na raiz da palavra

e na sua emissão,
amor
saltando da língua nacional,
amor feito som
vibração espacial.

No momento em que não me dizes:
Eu te amo,
inexoravelmente sei
que deixaste de amar-me,
que nunca me amaste antes.

Se não me disseres urgente repetido
Eu te amoamoamoamo,
verdade fulminante que acabas de desentranhar,
eu me precipito no caos,
essa coleção de objetos de não amor.

AINDA QUE MAL

Ainda que mal pergunte,
ainda que mal respondas;
ainda que mal te entenda,
ainda que mal repitas;
ainda que mal insista,
ainda que mal desculpes;
ainda que mal me exprima,
ainda que mal me julgues;
ainda que mal me mostre,
ainda que mal me vejas;
ainda que mal te encare,
ainda que mal te furtes;
ainda que mal te siga,
ainda que mal te voltes;
ainda que mal te ame,
ainda que mal o saibas;
ainda que mal te agarre,
ainda que mal te mates;
ainda assim te pergunto
e me queimando em teu seio
me salvo e me dano: amor.

PAISAGEM: COMO SE FAZ

Esta paisagem? Não existe. Existe espaço
vacante, a semear
de paisagem retrospectiva.

A presença da serra, das imbaúbas,
das fontes, que presença?
Tudo é mais tarde.
Vinte anos depois, como nos dramas.

Por enquanto o ver não vê; o ver recolhe
fibrilhas de caminho, de horizonte,
e nem percebe que as recolhe
para um dia tecer tapeçarias
que são fotografias
de impercebida terra visitada.

A paisagem vai ser. Agora é um branco
a tingir-se de verde, marrom, cinza,
mas a cor não se prende a superfícies,
não modela. A pedra só é pedra
no amadurecer longínquo.
E a água deste riacho
não molha o corpo nu:
molha mais tarde.
A água é um projeto de viver.

Abrir porteira. Range. Indiferente.
Uma vaca-silêncio. Nem a olho.
Um dia este silêncio-vaca, este ranger

baterão em mim, perfeitos,
existentes de frente,
de costas, de perfil,
tangibilíssimos. Alguém pergunta ao lado:
O que há com você?
E não há nada
senão o som-porteira, a vaca silenciosa.

Paisagem, país
feito de pensamento da paisagem,
na criativa distância espacitempo,
à margem de gravuras, documentos,
quando as coisas existem com violência
mais do que existimos: nos povoam
e nos olham, nos fixam. Contemplados,
submissos, delas somos pasto,
somos a paisagem da paisagem.

O MUSEU VIVO

O Museu de Erros passeia pelo mundo
estátuas andróginas
quadros despidos de moldura pintura tela
mas ativos
ideias conversíveis
planos tão racionais que chegam à vertigem do pensamento
[puro
embriões humanos *in vitro*
a sexalegria industrializada em artigos de supermercado.

Buzina
profecias de devastação para devaneio
dos que esperam escapar,
e em caprichado definitivo arco-íris
revela
o esplendor da verdade
sem verdade.

O museu moderno por excelência
viageiro visita
o interior das vísceras,
conta horror, beleza,
melodia, paz narcótica, novo horror.
As coleções têm a variedade
do que ainda não foi imaginado nem sentido.
O catálogo impresso em grito
lê, antes de ser lido,
visitantes apatetados
e nega-se a referir

o que é arte de amar sem computador.

O museu infiltra-se na plataforma submarina
onde se refugiam os derradeiros
homens e mulheres com cara de gente, irreconhecíveis.
Fulmina-os com seu raio, só existe agora o museu.
Sobe acima da lua, videofixa
a miséria estelar, novas espécies
do mal pré-histórico, presidente
imemorial da Natureza.

O museu muge eufórico
assume solenemente
o papel de deus-universo, espetáculo de si mesmo.

O PAGAMENTO

Quando é que sai o pagamento?
O pagamento está difícil.

Quando se fará a folha
e se construirá a máquina
que fará o cálculo e os descontos?

E quando se fabricará o dinheiro,
espécie nova de dinheiro,
para fazer o pagamento?
Quem receberá no primeiro lote
quem no segundo e no terceiro
se antes de tudo vier a morte
poupar serviço ao tesoureiro?

O pagamento está difícil.

A espera, quem é que paga a espera
e os extraordinários da esperança
e os serviços (esquecidos) dos pais
e dos avós e dos antiquérrimos?

O pagamento está difícil.

Que contador porá em dia as contas
e qual será o seu critério?
Irá medir produtividade,
assiduidade, pequenos méritos,
oblíquas faltas, imperfeitos

serões, tarefas de má vontade?

Só sairá o pagamento
depois do inquérito concluído?

O pagamento está difícil.

Nem um simples apontamento
foi tomado, não há controle
e direção?

Ou não houve serviço nunca,
ninguém jamais se empregou
nem patrões existiram nem
saiu produção de nada?
Não houve encomenda de nada
na fábrica inexistente,
e ninguém podia tomar nota
alguma em nenhum escritório?
Não cabe pois reclamar
nem salário nem horas extras
nem demora ou juros de mora?

O pagamento está difícil.

Difícil é o pagamento
ou conceber a estranha folha
que nunca sai
e saindo, não se registra
e registrada, não se paga
e pagando, não vale a cédula
e valendo, o vento a carrega
e carregando, foi bem feito
se não havia o que pagar?

O pagamento está difícil
porque não há com que pagar

o que não era de ser pago
e contudo está-se cobrando?
cobrando com unhas, gritos,
com bater pé, suplicar,
exigir latir bramir
chorar,
de lei na mão, uma lei feita
só de parágrafos riscados
outra vez escritos, outra vez
riscados escritos riscados
etc.?

O pagamento está difícil
ou já foi feito antes de tudo
há 40 anos, à sorrelfa,
que ninguém lembra ou se acaso lembra
é que o dinheiro era falso
era marcado era maldito
era por todos refugado?

O pagamento está difícil?
Depois de tão anunciado,
solenemente prometido,
foge o caixa, são massacrados
os condutores do dinheiro,
tudo é furtado num segundo
e o próprio assalto é simulado?

Some a ideia de pagamento
de tal sorte que ninguém mais
lhe conhece o significado
e os que reclamam não reclamam
com intenção de receber
mas por força do triste hábito?
e tornam-se mudos
de voz e gesto

e se esquecem todos
de reclamar e de adiar
e de negar?

Então, de todos olvidado
não mais pensado ou referido
nem na lousa dos dicionários
o pagamento — afinal — saiu.
Para cada um e seu irmão,
seu amigo e seu inimigo,
seu desconhecido, seu antípoda,
seu ascendente e descendente,
seu curió demissionário, seu gato escaldado, seu cachorro
[caduco,
suas plantinhas de vaso (sem sol) da janela,
seu coração
de válvulas paradas
seu coração
entranhado de cisco
seu coração
já sem forma de
coração.

O pagamento total geral
saiu! saiu!
o pagamento sem escrita
sem cifrão
sem limitação
sem explicação
sem razão
sem código
sem termo
saiu.

Não havia quem recebesse.

ACORDA, MARIA

Acorda, Maria, é dia
de festival.

Violas já vêm dançando
no doce do canavial.

Acorda, Maria, é dia
de prazer municipal.

A bebida está pedindo
pra ser bebida
a comida reclamando
pra ser depressa engolida
a risada quer ser rida
o namoro namorado
o peixe quer ser pescado
o sonhado ser vivido.

Maria, acorda, que é dia
de acontecer
de casar e de ter filhos
e cada filho crescer
e tomar seu rumo
e tomar seu rumo
e alguém na varanda
soletrar o espaço.

Acorda, Maria, é dia
de matar formiga
de matar cascavel
de matar tempo
de matar estrangeiro

de matar irmão

de matar impulso
de se matar.

Acorda, Maria,
todos já de pé
muitos já correndo
a gritar por ti.
Quem dorme no bairro, quem?
Não há paina de dormir
quando se espera o sinal
dentro do sinal fechado
e milhões de sinais
escondem o sinal.
O sinal afinal
é sim ou al?
E se ele apaga
antes de acender?
se ele acende
e ninguém entende?
Maria, acorda, é dia
de esperar a vida inteira
pelo sinal.

Acorda, Maria, é dia
de dizer que é dia
de fingir que é dia
de preparar o dia
de ir na folia
esquecer que não é mais
ou ainda não é dia.

Acorda, que o telefone
está chamando, Maria.
O navio está apitando

e vai soando a sineta
do presídio.
Esvoaça
a papeleta do fiscal.
A mãozinha da garota
bate no portal.
Acorda, Maria, é samba
sem carnaval.

É dia
de tirar a roupa da alma
no sofá
de pesquisar o verme
em cada maçã
de inventar o verme
a cada manhã
de saborear o verme
que nem hortelã.

É dia, atenção, de sexo
há milênios recalcado.
A vara e a concha unidos
no abraço fotografado
e tudo em verde fichado
para ser bem computado.
Quem tem amores desame-os
quem tem baú que o destampe
quem não tem nada que tenha
o que ter para contar.

Depressa, Maria, a praça
é uma orelha gigante
que não escuta e que passa.

Mas acorda por favor

ou por violência. É dia
de prestar contas, é dia.
Foi antecipado
o Juízo Final.
Em cada quarteirão
o oficial de justiça
divina
faz a citação
sem abrir a boca
e os nomes se imprimem
na retina
as sentenças se gravam
na pele.
Acorda, Maria, assiste
a teu julgamento em código.

Principalmente, Maria,
é dia
dia constante e durante
acima dos cem mil dias
dia só, dia sem dia
sem outro dia que diga
tudo que cabe num dia.
É um dia sem folhinha
sem gala de alvorecer
sem vontade de fluir
sem jeito de findar.

O que lhe falta em clareza
e sobra em altura
e resta em desejo
ninguém decifra.
É dia, Maria, dorme
até que passe este dia!

DESABAR

Desabava

Fugir não adianta desabava
por toda parte minas torres
edif
 ícios
 princípios

1

2

3

4

muletas

desabando nem gritar
dava tempo soterrados
novos desabamentos insistiam
sobre peitos em pó
desabadesabadesabadavam
As ruínas formaram
outra cidade em ordem definitiva.

A DUPLA SITUAÇÃO

Um silêncio tão perfeito
como o que baixou agora:
sinal de que já morremos
ou nem chegamos ainda à Terra.

Acabamos de sentir a morte
nas veias substituir o sangue.
Circulamos na atmosfera,
somos, corpo e brisa, um só.

Ou flutuamos no possível
sem pressa de, sem desejo de
atingir o irretratável
movimento do nascimento.

Este silêncio tão completo
em si, em nós, em nossa volta,
converte-nos em transparente
esfera
contemplada contemplativa.

MOINHO

A mó da morte mói
o milho teu dourado
e deixa no farelo
um ai deteriorado.

Mói a mó, mói a morte
em seu moer parado
o que era trigo eterno
e o nem sequer semeado.

Da morte a mó que mói
não mói todo o legado.
Fica, moendo a mó,
o vento do passado.

MENINOS SUICIDAS

Um acabar seco, sem eco,
de papel rasgado
(nem sequer escrito):
assim nos deixaram antes
que pudéssemos decifrá-los,
ao menos, ao menos isso,
já não digo... amá-los.

Assim nos deixaram e se deixaram
ir sem confiar-nos um traço
retorcido ou reto de passagem:
pisando sem pés em chão de fumo,
rindo talvez de sua esbatida
miragem.

Não se feriram no próprio corpo,
mas neste em que sobrevivemos.
Em nosso peito as punhaladas
sem marca — sem sangue — até sem dor
contam que nós é que morremos
e são eles que nos mataram.

VIDA DEPOIS DA VIDA

A morte não
existe para os mortos.

Os mortos não
têm medo da morte desabrochada.

Os mortos
conquistam a vida, não
a lendária, mas
a propriamente dita
a que perdemos
ao nascer.

A sem nome
sem limite
sem rumo
(todos os rumos, simultâneos,
lhe servem)
completo estar-vivo no sem fim
de possíveis
acoplados.

A morte sabe disto
e cala.

Só a morte é que sabe.

ÚNICO

O único assunto é Deus
o único problema é Deus
o único enigma é Deus
o único possível é Deus
o único impossível é Deus
o único absurdo é Deus
o único culpado é Deus
e o resto é alucinação.

O DEUS DE CADA HOMEM

Quando digo “meu Deus”,
afirmo a propriedade.
Há mil deuses pessoais
em nichos da cidade.

Quando digo “meu Deus”,
crio cumplicidade.
Mais fraco, sou mais forte
do que a desirmandade.

Quando digo “meu Deus”,
grito minha orfandade.
O rei que me ofereço
rouba-me a liberdade.

Quando digo “meu Deus”,
choro minha ansiedade.
Não sei que fazer dele
na microeternidade.

DEUS TRISTE

Deus é triste.

Domingo descobri que Deus é triste
pela semana afora e além do tempo.

A solidão de Deus é incomparável.
Deus não está diante de Deus.
Está sempre em si mesmo e cobre tudo
tristinfinitamente.
A tristeza de Deus é como Deus: eterna.

Deus criou triste.
Outra fonte não tem a tristeza do homem.

QUIXOTE E SANCHÓ, DE PORTINARI

I. SONETO DA LOUCURA

A minha casa pobre é rica de quimera
e, se vou sem destino a trovejar espantos,
meu nome há de romper as mais nevoentas eras
tal qual Pentapolim, o rei dos Garamantas.

Rola em minha cabeça o tropel de batalhas
jamais vistas no chão ou no mar ou no inferno.
Se da escura cozinha escapa o cheiro de alho,
o que nele recolho é o odor da glória eterna.

Donzelas a salvar, há milhares na Terra
e eu parto e meu rocim, corisco, espada, grito,
o torto endireitando, herói de seda e ferro,

e não durmo, abrasado, e janto apenas nuvens,
na fêrvida obsessão de que enfim a bendita
Idade de Ouro e Sol baixe lá das alturas.

II. SAGRAÇÃO

Rocinante
pasta a erva do sossego.

A Mancha inteira é calma.
A chama oculta arde
nesta fremente Espanha interior.

De geolhos e olhos visionários
me sagro cavaleiro
andante, amante
de amor cortês a minha dama,
cristal de perfeição entre perfeitas.

Daqui por diante
é girar, girovagar, a combater
o erro, o falso, o mal de mil semblantes
e recolher no peito em sangue
a palma esquiva e rara
que há de cingir-me a fronte
por mão de Amor-amante.

A fama, no capim
que Rocinante pasta,
se guarda para mim, em tudo a sinto,
sede que bebo, vento que me arrasta.

III. O ESGUIO PROPÓSITO

Caniço de pesca
fisgando no ar,
gafanhoto montado
em corcel magriz,
espectro de grilo
cingindo loriga,
fio de linha
à brisa torcido,
relâmpago
ingênuo
furor
de solitárias horas indormidas

quando o projeto invade a noite obscura.

Esporeia
o cavalo,
esporeia
o sem fim.

IV. CONVITE À GLÓRIA

— Juntos na poeira das encruzilhadas conquistaremos a glória.
— E de que me serve?

— Nossos nomes ressoarão
nos sinos de bronze da História.
— E de que me serve?

— Jamais alguém, nas cinco partidas do mundo,
será tão grande.
— E de que me serve?

— As mais inacessíveis princesas se curvarão
à nossa passagem.
— E de que me serve?

— Pelo teu valor e pelo teu fervor,
terás uma ilha de ouro e esmeralda.
— Isto me serve.

V. UM EM QUATRO

A
b

Z
y

A & b

Z & y

A b

y Z

A B Y Z

quadrigeminados
quadrimembra jornada
quadripartito anelo
quadrivalente busca
unificado anseio

um cavaleiro um cavalo um jumento um escudeiro

VI. O DERROTADO INVENCÍVEL

— Gigantes!

(Moinhos
de vento...)

— Malina
mandinga,

traça
d'espavento!

(Moinhos e moinhos
de vento...)

— Gigantes!

Seus braços
de aço
me quebram
a espinha
me tornam
farinha?

Mas brilha
divino
o santelmo

que rege
e ilumina
meu valimento.
Doído,
moído,
caído,
perdido,
curtido,
morrido,
eu sigo,
persigo
o lunar
intento:
pela justiça no mundo,
luto, iracundo.

VII. *CORO DOS CARDADORES E FABRICANTES DE AGULHAS*

Epa!	Epa!
Pula, gordo,	Baixa, gordo,
vira balão	cara de bufão,
de São João,	bola no chão,
bãobalalão	bãobalalão
senhor capitão	senhor capitão
de banha balofa	de bafo balordo
e jeito vilão!	E roto calção!

Epa!
Salta e baixa,
truão,
baixa e pula,
glutão,
catrapus,
bolo de feijão
dãodarãodandão!

VIII. *A LÃ E A PEDRA*

— Olha Alifanfarrão e seus guerreiros!
Olha Brandabarrão e Miaulina!
Micocolembó, vê! mais Timonel!
— Senhor, eu vejo apenas uns carneiros.

A lança em riste avança e fere a lâ,
traspassa ovelhas como se varasse
o coração de feros inimigos.
— Chega, senhor, esta peleja é vã.

(Não chega, não, até que a boca sangue
e dentes saltem,
costelas partam-se
e role o corpo,
colchão de dores,
do herói vencido
não por Ali
mas a pedradas
de enfurecidos
pastores.)

IX. *ESDRUXULARIAS DE AMOR PENITENTE*

Neste só, nestas brenhas
aonde não chega a música
da voz de Dulcineia
que por mim não suspira
e mal sabe que existo,
vou fazer penitência
de amor.
Vou carpir minhas penas,

vou comover as rochas
com lavá-las de lágrimas,
vou rompê-las a grito,
ensandecer as águias,
cativar hipogrifos
e acarinhar serpentes,
vou
arrancar minhas vestes
de ferro e de grandeza
e sacar os calções
e de gâmbias de fora,
documentos do sexo
cinicamente à mostra
para que aves e plantas
desfrutem o espetáculo,
farei micagens mil,
plantarei bananeira
e darei cambalhotas,
saltos mortais, vitais
de amor
de amor
de amor.

X. *PETIÇÃO GENUFLEXA*

Ó terrível
castigador de demônios
ó benigno
defendedor de humilhados
esteio e guarda-sol da honra
espelho de galanteria
vaso de olentes machas virtudes
rocha da vontade em movimento
contínuo,
despachai, meu amo, este requerimento.

A ilha
a ilha
a ilha prometida
essa danada ilha
dai-me com urgentíssima prestança.
De beijos cubro vossas mãos
por mim e por Teresa
futura prima dama
Pança.

XI. *DISQUISIÇÃO NA INSÔNIA*

Que é loucura: ser cavaleiro andante
ou segui-lo como escudeiro?
De nós dois, quem o louco verdadeiro?
O que, acordado, sonha doidamente?
O que, mesmo vendado,
vê o real e segue o sonho
de um doido pelas bruxas embruxado?
Eis-me, talvez, o único maluco,
e, me sabendo tal, sem grão de siso,
sou — que doideira — um louco de juízo.

XII. *BRIGA E DESBRIGA*

— A fatigada festa de correr
perigos sem moeda
já me pesa nos ossos.
Exijo o meu salário de loucura
e contagem de tempo de serviço.

— Amigo Sancho, vai-te à merda,
que não prezo favores mercenários
e posso ter duzentos escudeiros

só de renome eterno ambiciosos.

— Senhor, deixar-vos? Nunca.
Já me derreto em choro arrependido.
Sigo convosco, sigo
até o ultimíssimo perigo
sem outra paga além do vosso afeto.
Abracemo-nos, pois, de almas lavadas,
que meu destino
é ser, a vosso lado,
o grosso caldo junto ao vinho fino.

XIII. O MACACO BEM INFORMADO

Pergunta a este macaco teu passado
e ele dirá o certo e o imaginado.

O que te sucedeu na estranha lura
jamais vista de humana criatura

foi delírio ou concreta realidade,
visão inteira ou só pela metade?

Como aferir, em cada ser, a parte
que tem raiz numa insondável arte

(de Deus ou do Tinhoso) que transforma
o banal em sublime, e o sonho em norma?

Tudo isto e muito mais, por um pataco
saberás, consultando este macaco.

XIV. NO VERDE PRADO

Gentil caçadora
que a nós nos caçastes,
esse é o Cavaleiro
dos Leões chamado;
eu, seu escudeiro
ante vós prostrado.
Formosa Duquesa,
qual prêmio e consolo
de nossas andanças
mal-aventuradas,
dai-nos vosso riso.
Dama resplendente,
Duque excelentíssimo,
que vosso castelo
seja paraíso
de grades franqueadas
a dois vagamundos.
A troco de cama,
candeia e pernil,
juramos prestar-nos
a vossos debiques
de alegres fidalgos
a falcoar a vida
qual jogo inocente
de ferir e rir.
Seremos jograis
e bobos de corte
mantendo aparência
de heróis romanescos,

e, ao vos divertir
a poder de estórias
passadas na mente
de meu amo gira,
nós nos divertimos
com vossa malícia,

rimos de vos rirdes,
ou eu, pelo menos,
que por ser sabido
sábio de ignorar
o fumo dos sonhos —
rio pelos dois.
(Nada disso eu digo,
mas no fundo eu penso.)

XV. *O RECADO*

Cavaleiro que cai de cavalo
parado

e tibum! rala o corpo no solo,
magoado...

Foi por artes, talvez, de escudeiro
culpado?

Não. Destino é o seu, para sempre
traçado:

Cai de costas ou cai de catrâmbias,
coitado.

Deste jeito é que dá o seu triste
recado,

de saber cada dia seu sonho
frustrado,

e, no barro do chão, recompô-lo
maior.

XVI. *AQUI DEL-REI*

Ai, aqui onde estou,
no gancho do carvalho,
javali me comeu
e só resta de mim
este grito de horror.
Sou defunto, me acudam
e talvez ressuscite
para sair correndo
nas pernas devoradas.
Ai, sou o meu fantasma
enganchado de medo
na forquilha da árvore
e de calção rasgado,
o meu rico, o meu belo
calção desperdiçado!

XVII. *AVENTURA DO CAVALO DE PAU*

Corta-vento rompe-nuvem beira-céu
fura-sol espeta-lua apaga-estrela
vai
cavalo-estalo cavalo-abalo cavalo-bala

em demanda do Gigante Malambo
vai voando vai chispando vai levando
a coragem com o medo na garupa
vai guerreiro vai certo vai
a lugar nenhum, vai na ilusão
da farsa no jardim, entre risadas.

XVIII. *SAUDAÇÃO DO SENADO DA CÂMARA*

Oh, seja bem-vindo
em seu esplendor
o vulto preclaro
do Governador.

(Na Barataria
ou seja onde for,
é sempre ilustríssimo
o Governador.)

Aqui vos saudamos
com temor e flor.
(É como se acolhe
um Governador.)

Gracioso Dom Sancho,
valente senhor!
(Vamos governar
o Governador.)

XIX. *SOLILÓQUIO DA RENÚNCIA*

Volto pelos caminhos
à procura de mim
que de mim se perdera
ao me sentir governo.
Governar, que doidice,
afrouxelado cárcere
de insônias e cuidados.
Que vale policiar
o interesse dos homens,
puni-los ou premiá-los,
se do poder escravo
se tornou Sancho, o livre

lavrador de outros tempos,
que em seu boi, seu rafeiro,
suas roças meninas
e tudo que cabia
num alqueire de terra
fundara seu império
e nele
governava a si mesmo?
Pelos caminhos volto
à procura de Sancho
para de novo Sancho
saber-me, conferir-me
com dobrado prazer.

XX. NA ESTRADA DE SARAGOÇA

Eram pastores de sol
ninfas douradas
brotando da casca das árvores
a me cercarem
entre murmúrios de prata líquida
e borboletas lampejantes.
Agora, touros
furiobufantes
é que me envolvem,
derrubam, pisam
entre lanças e aboios inimigos
no tropel de combate desigual
que não me faz calar:
Proclamo nestes bosques a beleza
de ninfas e pastoras
e a beleza maior que o eco prolonga
de Dulcineaiaeiaieiaieia.

XXI. ANTEFINAL NOTURNO

Dorme, Alonso Quexana.
Pelejaste mais do que a peleja
(e perdeste).
Amaste mais do que amor se deixa amar.
O ímpeto
o relento
a desmesura
fábulas que davam rumo ao sem rumo
de tua vida levada a tapa
e a coice d'armas,
de que valeu o tudo desse nada?
Vilões discutem e brigam de braço
enquanto dormes.
Neutras estátuas de alimárias velam
a areia escura de teu sono
despido de todo encantamento.
Dorme, Alonso, andante
petrificado
cavaleiro-desengano.

TIRADENTES

(COM MUITA HONRA)

Bandeira de uma república visionária
branca branca branca branca
república nunca proclamada
branca
rubra
do sangue do único republicano
em triângulo multiângulo de membros repartidos.

Lá vem o Liberdade pela Rua da Quitanda
lá vai o Liberdade, o Corta-Vento,
vai armando sua teia
que 100 anos não desfazem.
Cavaleiro boquirroto,
cavaleiro apaixonado,
com a garra da paixão
semeando rebelião:

— Despotismo
pobreza
beata ignorância
no chão de ouro das minas
riqueza mísera entre ferros.

Palavra cochichada, brasa oculta,
conversa bêbada na estalagem,
na casa de rameiras,
no varandão da fazenda,
no quarto de dormir do Coronel,
no morro-sobe-desce-toda-vida.

(Ai Minas, que mil distâncias na distância
de ti a ti, peito enfurnado.)

— Se todos fossem do meu ânimo...

Mas lá está a mão de Deus.

Pensamento-rastilho

ideia fixa

prego pregado no futuro:

liberdade

americana.

Semelhantes traças

nem pensar se deve.

Frioleiras

disparates

parvoíces.

Fujam deste homem que ele está doido.

O demônio o tentou para tramar escândalos
que lhe hão de custar a prateada cabeça.

Quer os frutos da terra divididos

entre mazombos pretos índios

escolas fabricas no país florente

de livres almas

americanas.

Solta a linguagem

dos insubmissos,

a arenga

dos desatinados

e até nas fábulas

que vai urdindo,

a louca palavra

dos verdadeiros.

Aluado

de jogar pedra,
de ser pateado
na Casa da Ópera,
de morrer na força
morte infamante,
despedaçar-se
distribuir-se
pelos caminhos
e consciências
viver na glória.

(O perdido latim, a insensível trindade,
a desfeita esperança?
O constante lembrar.)

Lá vem, lá vai
o Corta-Vento pelas serranias
mantiqueiras.
No chão queimado
ainda retine
o tropel rosilho
de seu cavalo
enchendo o vale,
o plaino, o espaço
americano.

BEETHOVEN

Meu caro Luís, que vens fazer nesta hora
de antimúsica pelo mundo afora?

Patética, heroica, pastoral ou trágica,
tua voz é sempre um grito modulado,
um caminho lunar conduzindo à alegria.
Ao não rumor tiraste a percepção mais íntima
do coração da Terra, que era o teu.
Urso-maior uivando a solidão
aberta em cântico: entre mulheres
passando sem amor. Meu rude Luís,
tua imagem assusta na parede,
em medalhão soturno sobre o piano.
Que tempestade passou em ti e continua
a devastar-te no limite
em que a própria morte exausta se socorre
da vida, e reinstala
o homem na fatalidade de ser homem?
Nós, os surdos, não captamos
o amor doado em sinfonia, a paz
em *allegro energico* sobre o caos,
que nos ofertas do fundo
de teu mundo clausurado.
Nós, computadores, não programamos
a exaltação romântica filtrada
em sonatino adágio murmurante.

Nós, guerreiros nucleares, não isolamos
o núcleo de paixão de onde se espraia

pela praia infinita essa abstrata
superação do tempo e do destino
que é razão de viver, razão florente
e grave.

Tanto mais liberto quanto mais
em tua concha não acústica cerrado,
livre da corte, da contingência, do barroco,
erguendo o sentimento à culminância
da divina explosão, que purifica
o resíduo mortal, a angústia mísera,
que vens fazer, do longe de dois séculos,
escuro Luís, Luís luminoso,
em nosso tempo de compromisso e omissão?

Do fogo em que te queimaste,
uma faísca resta para incendiar
corações maconhados, sonolentos,
servos da alienação e da aparência?
Quem comporá a Apassionata do nosso tempo,
quem removerá as cinzas, despertará a brasa,
quem reinventará o amor, as penas de amor,
quem sacudirá os homens do seu torpor?

Boto no *pickup* o teu mar de música,
nele me afogo acima das estrelas.

HOMENAGEM

Jack London	Vachel Lindsay	Hart Crane
René Creve	Walter Benjamin	Cesare Pavese
Stefan Zweig	Virginia Woolf	Raul Pompeia
	Sá-Carneiro	

e disse apenas alguns
de tantos que escolheram
o dia a hora o gesto
o meio
a dis-
solução

AUSÊNCIA DE RODRIGO

A mesa em que Rodrigo trabalhava
está vazia.

Pesquise indícios na madeira
na redoma de ar da sala
na cruel paisagem de concreto
perdoada — até quando?
por Santa Luzia azul-desbotado entre moneysáurios.

Procuró que não vejo
Rodrigo míope curvado
sobre traças esfareladas de capelas
e fortalezas em cacos
maquinando contornando insistindo
provendo.

Onde está, onde estará Mestre Rodrigo
o dos entalhadores pintores pedreiros
josé manuel raimundo elisiário simplesmente
retirados por sua mão prospectadora
do bolor de códices
de mortas confrarias?

Dele não há notícia melodiosa
em alguma parte de Alcântara ou Sete Povos?
Nem a mesa ondulada companheira conserva
o movimento de dedos escrevendo
de manhã de janeiro a noite de dezembro
o relatório das injúrias

que, mais que o tempo, os homens imprimiram
a lajes memorandas?

As coisas que restituiu ao sol da História
não cantam, não me contam de Rodrigo.

A mosca bailarina
pousa no tampo de vidro
na mesa em que Rodrigo trabalhava
na mesa em que
na mesa
na

O POETA IRMÃO

Cinquenta anos: espelho d'água ou névoa? Tudo límpido,
ou o tempo corrói o incalculável tesouro?
Vem do abismo de cinquenta anos, gravura em talho-doce,
a revelação de Emílio Moura.

Era tempo de escolha. Escolha em silêncio, definitiva.
Na rua, no bar, nossos companheiros esperam ser decifrados.
Mas o sinal os distingue. Descubro, e para sempre,
a amizade de Emílio Moura.

Agora a noite caminha no passo dos estudantes versíferos.
Bem conhecemos as magnólias, as mansões *art nouveau*, os guardas-
civis
imóveis em cada esquina. Vou consultando um outro eu:
a presença de Emílio Moura.

E Verlaine, Samain, Laforgue, Antônio Nobre,
Alphonsus, tanta gente, nos acompanham sem ruído.
Começa a tecer-se, renda fluida na neblina,
a canção de Emílio Moura.

Canção de câmara: a que ele escreve e a que ele é.
Peculiar surdina, íntimo violino, jeito manso de ser,
que escapa aos trovões *pop* e risca em fundo cinza
a alma de Emílio Moura.

Alma que interroga. Ao mundo todo interroga, constante.
Há um impasse de ser, na graça de sentir.
E não se basta o homem. Ave-problema, esvoaça

a dúvida de Emílio Moura.

No céu de dúvidas, o amor responde ao poeta,
aponta-lhe os iniludíveis alvos deliciosos
em que a dor adormece e em que floresce o canto,
a explicação de Emílio Moura.

Ah, mineiro! que tem minas nem dele mesmo sabidas,
pois não as quer explorar, e toda glória é fuligem.
Mineiro que cala e cisma, e é quando mais se adensa
a Minas de Emílio Moura.

Mineiros há que saem. E mineiros que ficam.
Este ficou, de braços longos para o adeus.
Em Belo Horizonte, rumor sem verdes, é água pura
a permanência de Emílio Moura.

Ei-lo que chega, vem trazer a magrilonga
figura amada a amigos longe, em festa calma.
E conversá-lo e vê-lo é sentir indelével
a suavidade de Emílio Moura.

Agora não vem mais. Agora, é procurá-lo
em cinquenta anos vividos, em papéis, em retratos.
E transferir a pessoa viva a um cofre de ouro:
a poesia de Emílio Moura.

Pois aconteceu a coisa aquém e além da vida,
e nem vale chorar nem vale sofismar.
O fato novo extingue a casa transparente de estar-perto:
a morte de Emílio Moura.

Neste fato penetro e o vou todo explorando.
Corredor ou caverna ou túnel ou presídio,
não importa: uma luz violeta vai seguir-me:
a saudade de Emílio Moura.

DESLIGAMENTO DO POETA

A arte completa,
a vida completa,
o poeta recolhe seus dons,
o arsenal de sons e signos,
o sentimento de seu pensamento.

Imobiliza-se,
infinitamente cala-se,
cápsula em si mesma contida.

Fica sendo o não rir
de longos dentes,
o não ver
de cristais acerados,
o não estar
nem ter aparência.
O absoluto do não ser.

Não há invocá-lo acenar-lhe pedir-lhe.

Passa ao estranho domínio
de deus ou pasárgada-segunda.
Onde não aflora a pergunta
nem o tema da
nem a hipótese do.

Sua poesia pousa no tempo.
Cada verso, com sua música
e sua paixão, livre de dono,

respira em flor, expande-se
na luz amorosa.

A circulação do poema
sem poeta: forma autônoma
de toda circunstância,
magia em si, prima letra
escrita no ar, sem intermédio,
faiscando,
na ausência definitiva
do corpo desintegrado.

Agora Manuel Bandeira é pura
poesia, profundamente.

ENTRE NOEL E OS ÍNDIOS

Em Vila Rosali Noel Nutels repousa
do desamor alheio aos índios
e de seu próprio amor maior aos índios.
Como se os bastos bigodes perguntassem:
Valeu a pena?
Valeu a pena gritar em várias línguas
e conferências e entrevistas e países
que a civilização às vezes é assassina?
Valeu, valeu a pena
criar unidades sanitárias aéreas
para salvar os remanescentes
das vítimas de posseiros, madeireiros, traficantes
burocratas *et reliqua*,
que tiram a felicidade aos simples
e em troca lhes atiram de presente
o samburá de espelhos, canivetes,
tuberculose e sífilis?
Noel baixa de helicóptero
e vê a fome à beira d'água trêmula de peixes.
Homens esquecidos do arco e flecha
deixam-se consumir em nome
da integração que desintegra
a raiz do ser e do viver.

“Vocês têm obrigação de usar calça
camisa paletó sapato e lenço,
enquanto no Leblon nos despedimos
de toda convenção, e viva a natureza...”
Noel, tu o disseste:

A civilização que sacrifica
povos e culturas antiquíssimas
é uma farsa amoral.

O Parque maravilha do Xingu
rasgado e oferecido
ao galope das máquinas,
não o quiseste assim e protestaste
como se fosse coisa tua, e era,
pois onde um índio cisma
e acende fogo e dança
a dança milenar extraConservatório
e desenha seu momento de existir
longe da Bolsa, da favela e do napalm,
aí estavas tu, teu riso companheiro,
teus medicamentos,
tua branca alegria de viver
a vida universal.

Valeu? Valeu a pena
teu cerne ucraniano
fundir-se em meiga argila brasileira
para melhor sentires
o primitivo apelo da terra
moldura natural de homens xavantes
e kreen-akarores
lar aberto de bororos
carajás e kaingangs
hoje tão infelizes
pela compulsão da felicidade programada.
Valeu, Noel, a pena
seguir a traça de Rondon
e de Nimuendaju,
mãos dadas com Orlando e Cláudio Villas-Boas
sob o olhar de Darcy Ribeiro,
e voar e baixar e assistir e prover

e alertar e verberar
para que fique ao menos no espaço
este signo de amor compreensivo e ardente
que foi a tua vida sertaneja,
a tua vida iluminada,
e tua generosa decepção.

Tarsila
descendente direta de Brás Cubas
Tarsila
princesa do café na alta de ilusões
Tarsila
engastada na pulseira gótica do colégio de Barcelona
Tarsila
medularmente paulistinha de Capivari reaprendendo
 o amarelo vivo
 o rosa violáceo
 o azul pureza
 o verde cantante
desprezados pelo doutor bom gosto oficial.

Tarsila radar tranquilo
captando em traço elíptico
o vazio da rua de Congonhas com um cachorro e uma
 [galinha servindo de multidão
a mudez da rua de São João del Rei com duas meninas
 [no cenário operístico de casas e igreja
o silêncio do desvio ferroviário
o sono da cidade pequena onde as casas são boizinhos
 [espalhados em presépio.
(Tarsila, Oswald e Mário revelando Minas aos mineiros
 [de Anatole.)
Tarsila acordando para o pesadelo
de assombrações pré-colombianas tão vivas agora como outrora
abaporu das noites na fazenda
bichos que não existem? mas existentes

cactos-animais, pedras-árvores,
monstros a expulsar de nossa mente
ou a recolher para melhor
seguir nosso traçado preternatural.
Tarsila mágica,
meu Deus, tão simples,
alheia às técnicas analíticas de Freud
e desvendando
as grutas, os alçapões, as perambeiras
da consciência rural,
expondo ao sol
a alegria colorida da libertação.

Tarsila relâmpago
de beleza no Grande Hotel de Belo Horizonte em 24
acabando com o mandamento das pintoras feias

Quero ser em arte
a caipirinha de São Bernardo
A mais elegante das caipirinhas
a mais sensível das parisienses
jogada de brincadeira na festa antropofágica.

Tarsila
nome brasil, musa radiante
que não queima, dália sobrevivente
no jardim desfolhado, mas constante
em serena presença nacional
fixada com doçura,
Tarsila
amora amorável d'amaral
prazer dos olhos meus onde te encontres
azul e rosa e verde para sempre.

MOTIVOS DE BIANCO

Melodiosas mulheres movem-se
libertas da corrupção do vestido
e, como jangadas ou feixes de trigo,
são variações de concretitude
tamisadas de sonho,
forma plena, bastante,
sob a luz que esmerilha
a pelúcia das coisas.

O mar invade o quadro,
a sala,
o contemplante,
num fulgor de balanço,
e entre os raios da rede ilumina-se
e dança
o negro cavername
da água ou de nós mesmos, em marulho.

Sobre os infindos olhos esféricos do boi-bumbá
— lanternões acesos na alegria religiosa
do povo menino
do Brasil —:
festa
folia
flauta
coração da terra.

Assim Bianco, viajando
a cor e seus compartimentos encantados,

registra o ofício de homens e mulheres
jungidos à natureza por uma chispa
de ouro, um cipó
telúrico, semente
de amor explodindo em cântico.

FAYGA OSTROWER

Fayga faz a forma
flutuar e florir na pauta
musicometálica.
Água forte, água tinta
água fina
lavam
a crosta da terra
varam
a delicada ordenação das estruturas
manifestam
o diáfano.

Fayga exige à madeira
suas paisagens concentradas
mundos lenhosos que sobem à vida
no coro de cores, cor
ressoando nas coisas, independente de som.

Fayga faz e perfaz
a fundação de objetos líricos
sob superfícies falazes.
Depois bloqueia a luz, e a espessa
atmosfera do Não volve em depósito
de infinitos esquemas
vibrando noturnamente.

Fayga é um fazer,
filtrar e descobrir
as relações da vista e do visto

dando estatuto à passagem
no espaço: viver
é ver sempre de novo
a cada forma
a cada cor
a cada dia
o dia em flor no dia.

PINTURA DE WEGA

À tona do mundo irrompem
os mundos de Wega
violentos
verdinatais, vermelhoníricos
sobressaltando a natureza.
O último? o primeiro
dia da criação implanta
a densa vida tensa
em que a terra é criação do homem
e a criatura revela sua íntima
dramática estrutura.

CANTO BRASILEIRO

Brasil:

o nome soa em mim é sino
ardendo fogueira despetalada
em curva de viola
calor de velhas horas no estridor
de coisas novas.

Brasil

meu modo de ser e ver e estar triste e pular
em plena tristeza como se pula alto
sobre água corrente.

Meu país, essa parte de mim fora de mim
constantemente a procurar-me. Se o esqueço
(e esqueço tantas vezes)
volta
em cor, em paisagem
na polpa da goiaba na abertura
de vogais
no jogo divertido de esses e erres
e sinto
que sou mineiro carioca amazonense
coleção de mins entrelaçados.

Sou todos eles e
o sentimento subterrâneo
de dores criativas e fadigas

que abriram picadas
criaram bois e mulas e criam búfalos
e trabalham o couro o ferro o diamante o papel o destino.
Por que Brasil e não
outro qualquer nome de aventura?
Brasil fiquei sendo
serei sendo nas escritas do sangue.
Minha arte de viver foi soletrada
em roteiros distantes?
A vida me foi dada em leis e reis?
Me fizeram e moldaram
em figurinos velhos? Amanheço.

Confuso amanhecer, de alma ofertante
e angústias sofreadas
injustiças e fomes e contrastes
e lutas e achados rutilantes
de riquezas da mente e do trabalho,
meu passo vai seguindo
no zigue-zague de equívocos,
de esperanças que malogram mas renascem
de sua cinza morna.
Vai comigo meu projeto
entre sombras, minha luz
de bolso me orienta
ou sou eu mesmo o caminho a procurar-se?

Brasa sem brasão brasilpaixão
de vida popular em mundo aberto
à confiança dos homens.
Assim me vejo e toco: brasileiro
sem limites traçados para o amor
humano.

A explosão ingênua de desejos
a sensual vontade de criar

a pressa de revelar a face inédita
a cachoeira, o corisco, o som gritante
o traço americano
o sêmen novo
não me fazem um ser descompassado.
Brasileiro sou,
moreno irmão do mundo é que me entendo
e livre irmão do mundo
me pretendo.
(Brasil, rima viril de liberdade.)

CANTO MINERAL

Minas Gerais
minerais
minas de Minas
demais,
de menos?
minas exploradas
no duplo, no múltiplo
sem sentido,
minas esgotadas
a suor e ais,
minas de mil
e uma noites presas
do fisco, do fausto,
da farra; do fim.

Minas de três séculos
mal digeridos
ainda minando
mineralgias míticas.
O ouro desfalece:
Minas na mira
do erário real.
O diamante esmaece
Minas na surdina
da seresta exausta.
O ferro empalidece:
Minas na ruína
de simplórios donos
de roças mal lavradas.

Minas orgulhosa
de tanta riqueza,
endividada
de tanta grandeza
no baú delida.
Cada um de nós, rei
na sua fazenda,
cada pé de milho
erguia o pendão
de nossa realeza,
cada boi-de-coice
calcava o tesouro
da terra indefesa
negociada
com a maior fineza.

(Ai, que me arrependo
— me perdoa, Minas —
de ter vendido
na bacia das almas
meu lençol de hematita
ao louro da estranja
e de ter construído
filosoficamente
meu castelo urbano
sobre a jazida
de sonhos minérios.
Me arrependo e vendo.)

Minas, oi Minas,
tua estranha sina
delineada
ao bailar dos sinos
ao balir dos hinos

de festins políticos,
Minas mineiral
Minas musical
Minas pastorela
Minas Tiradentes
Minas liberal
Minas cidadela
Minas torturada
Minas surreal
Minas coronela
Minas tal e qual
a pedra-enigma
no labirinto da mina.

Do ferro líquido da forja
do Barão de Eschwege
resta a ficha histórica.
Do rude Cauê,
a TNT aplainado,
resta o postal
na gaveta saudosista,
enquanto milhares
milhafres
de vagões vorazes
levam para longe
a pedra azul guardada
para tua torre
para teu império
postergado sempre.

E as esmeraldas,
Minas, que matavam
de esperança e febre
e nunca se achavam
e quando se achavam

eram verde engano?

Minas sub-reptícia
tarde defendida
de áureas cobiças
pelo astuto jogo
do pensar oculto,
do dizer ambíguo,
do nevoento pairar
de flocos de sigilo
no manifesto anil
sobre serranares.

Minas, nos ares,
Minas que te quero
Minas que te perco
e torno a ganhar-te
com seres metal
diluído em genes,
com seres aço
de minha couraça,
Minas que me feres
com pontiagudas
lascas de minério
e laminados de ironia,
vês?

No coração do manganês
pousa uma escritura
de hipoteca e usura
e o banco solerte
praticando a arte
do cifrão mais forte.

Minas
teimoso lume aceso
mesmo sob cinza,
Minas Acesita
Minas Usiminas

Minas Ipatinga
Minas felina
a custo ensaiando
o salto da serra
bem alto,
o romper de algemas
mais férreas que o ferro,
no rumo certo
do Intendente Câmara,
Minas que te miro
desprezando os prazos
de imemoriais atrasos,
de leve batendo à porta
da era espacial,
Minas tório urânio
Minas esperança
Minas detetando
o sinal
sob a tibieza dos homens
e o parangolé da retórica,
Minas mineiramente
geral Gerais
auriminas
turmaliniminas
diamantiniminas
muito abaixo da mais uterina
mina recôndita
luzindo
o cristalino
abafado
espírito de Minas.

A PALAVRA MINAS

Minas é uma palavra montanhosa.

MADU

Minas não é palavra montanhosa.
É palavra abissal. Minas é dentro
e fundo.

As montanhas escondem o que é Minas.
No alto mais celeste, subterrânea,
é galeria vertical varando o ferro
para chegar ninguém sabe onde.

Ninguém sabe Minas. A pedra
o buriti
a carranca
o nevoeiro
o raio
selam a verdade primeira, sepultada
em eras geológicas de sonho.

Só mineiros sabem. E não dizem
nem a si mesmos o irrevelável segredo
chamado Minas.

FIM DE FEIRA

No hipersupermercado aberto de detritos,
ao barulhar de caixotes em pressa de suor,
mulheres magras e crianças rápidas
catam a maior laranja podre, a mais bela
batata refugada, juntam na calçada
seu estoque de riquezas, entre risos e gritos.

O MAR, NO LIVING

O mar entra no *living*
mal a primeira tinta
do dia se define.
Passa pelo vidro
e em pouco submergem
pessoas e tapetes,
poltronas, gestos,
nomes,
quadros,
vozes.

O mar tudo recobre
sem nada asfixiar.
No côncavo marinho
o ir e vir espelha
a vida costumeira
de peixes adestrados
que observam a lei
de viventes em casa.

Ao meio-dia, o mar
instala-se completo
nos metais e na pele
dos moradores.
Deixa esperso no ar
um tremor de prata
incendiada.

Pela tarde singramos

o mar e nos quedamos
na mesma onda imóvel
que na beira dos copos
junta ao álcool dourado
a amargura do sal
sem que sal se perceba.

Quando a noite descerra
as pétalas de sombra
sem recorte sonâmbulo
de lua sobre as águas,
e o sono deposita-se
em cada castiçal,
cinzeiro, campainha
e dobra de cortina,
e os passos amortecem
no surdo corredor,
eis que o mar se retira
para si mesmo e longe,
ou nós é que emergimos
da espessura das águas
tornadas invisíveis.

O mar chega de volta,
mal a primeira tinta
se define, do dia,
e o *living*, baía,
com todo o mobiliário
e pessoas, imersos,
prossegue o balouçante
estar sozinho e verde,
verdissozinho imenso
em pura escuridão.

LIVRARIA

Ao termo da espiral
que disfarça o caminho
com espadanas de fonte,
e ao peso do concreto
de vinte pavimentos,
a loja subterrânea
expõe os seus tesouros
como se os defendesse
de fomes apressadas.

Ao nível do tumulto
de rodas e de pés,
não se decifra a oculta
sinfonia de letras
e cores enlaçadas
no silêncio de livros
abertos em gravura.

Aquário de aquarelas,
mosaicos, bronzes,
nus,
arabescos de Klee,
piscina onde flutuam
sistemas e delírios
mansos de filósofos,
sentido e sem sentido
das ciências e artes
de viver: a quem sabe
mergulhar numa página,

o trampolim se oferta.

A vida chega aqui
filtrada em pensamento
que não fere; no enlevo
tátil-visual de ideias
reveladas na trama
do papel e que afloram
aladamente e dançam
quatro metros abaixo
do solo e das angústias
o seu balé de essências
para o leitor liberto.

VERÃO CARIOCA 73

O carro do sol passeia rodas de incêndio
sobre os corpos e as mentes, fulminando-os.
Restam, sob o massacre, esquirolas de consciência,
a implorar, sem esperança, um caneco de sombra.

As árvores decotadas, alamedas sem árvores.
O ar é neutro, fixo, e recusa passagem
às viaturas da brisa. O zinir de besouros buzinas
ressoa no interior da célula ferida.

Sobe do negro chão meloso espedaçado
o enxofre dos avernos em pescoções de fogo.
A vida, esse lagarto invisível na loca,
ou essa rocha ardendo onde a verdura ria?

O mar abre-se em leque à visita de uns milhares,
mas, curvados ao peso dessa carga de chamas,
em mil formas de esforço e pobreza e rotina, milhões
curtem a maldição do esplêndido verão.

VÊNUS

Vênus de calça comprida é
Vênus calcianadiomênica
Vênus calcispúmica
Vênus calcitrite

Vênus de calça comprida
é Vênus calcirízica
Vênus calcigênitrix
Vênus calcimílica

De calça comprida Vênus é Vênus
calcicranachiana
calciarlesiana
calcicapitulina

Calcibelvédérica
é Vênus de calça comprida
calcieleusiana
calcitriptolêmica

Vênus calcipersefônica
Vênus calciproserpínica
de calça comprida
Vênus calcicarôntica

Calcifarnésica Vênus
Vênus calcilaomedôntica
Vênus calcionfálica
Vênus é de calça comprida

Calcimegárica
Vênus calciedípica
Vênus calciateneica
— de calça comprida — calcidedálica

Vênus calcimeleágrica
Vênus calciargonáutica
Vênus calcibelerofôntica
de calça comprida Vênus

Vênus calcidanáidica
Vênus calcihemofroidítica
Vênus calcicomprida
e sempre, nua, Vênus.

O PASSARINHO EM TODA PARTE

Bem te vi, bem-te-vi,
bem te ouvi recitando
e repetindo nítido
teu bentibentivismo.
Bem te vi lá na roça,
nas árvores, nas águas,
bem te vi na cidade
que prolongava a roça,
bem te vi no Jardim
da República sobre
o cupim das cutias
estátuas no gramado,
bem te vi na Argentina
quando o chá na planície
chamava a revoada
de borboletas trêmulas
sobre o azul da piscina,
bem te vi, bem te vejo
na vasta galeria
de bichos e de coisas
irmãos de nossa vida
a esvoaçar na voz
dos mais velhos que ensinam
o almanaque da terra,
bem te vi, bem te vejo
presente entre as ausências
que me vão rodeando
e quando bem te avisto
e te ouço, eis que me assisto

devolvido ao primeiro
bem-ver-ouvir do prístino
bem-te-vi bentivisto.

ASPECTOS DE UMA CASA

CRIAÇÃO

A casa de Maria é alta
e clara.
Não a projetam arquitetos,
construtores não a fazem.
O traço no papel
o concreto, o aço dos volumes
são circunstâncias alheias
à criação.
Maria cria sua casa
como o pássaro cria seu voo
clarialto.

No vazio das peças
móveis quadros tapetes
são o pensamento de Maria
esboçando linhas cambiantes
até fixar-se na ordem imprescritível.
Objetos deixam-se moldar
com amiga docilidade.
Ajudemos Maria (dizem eles
no dizer sem nome dos objetos)
a compor sua casa
como de um baralho de sons
se compõe a estrutura musical.
Sobre a cidade,
sobre a fuligem das horas perdidas
e a angústia dos subterrâneos transpostos,
a casa é o rosto de Maria
à luz reencontrado.

O LIVING

Aqui se pode conversar
a imemorial conversa
que de todos e nada
se alimenta,
glosa livre do mundo.
Passeia a vista descansada
em coisas afetuosas
vindas de muitas partes para ouvir
sem o menor ruído
mas participando do colóquio
pelo poder de integração
que a poltrona, a lâmpada
trazem consigo
se nos sabemos eleger,
coisas e seres.
Portinari, Bianco, Fayga
Baumeister
estão conosco, os 90 anos de Picasso
em estampa colorida,
o ex-voto conciso do Nordeste
e o coral dos livros
(surdinado) nas brancas prateleiras.

Sala de viver
na opção de viver
a graça de viver.

O QUARTO DOS RAPAZES

Uma desordem que se espraia
uma ordem que se concentra

uma tv que se repete
uma cama que se desdobra
os corações que se procuram
a saudade de um gato antigo
pisada com leves patas
pelo cavalo aeromítico
dos haras de Aldemir Martins.

O QUARTO DE PEDRO

Móviles de ouro da Praça General Osório
balançam no ar de Pedro notícias do Brasil.
O quarto flutua entre *posters* e cadernos de geografia.
A rede baiana balança na varanda aberta
sobre a plataforma a perder de vista dos terraços.
Tesouros de imperador depositam-se por toda parte:
conchas, garrafas-miniatura, volante de carro.
O império mergulha em sonho interplanetário,
mas soa a hora fatal
no quarto amanhecido:
o imperador calça os sapatos da rotina,
segue, vencido, para a escola.

O QUARTO DE MARIA

Toda a casa aqui se resume:
a ideia torna-se perfume.

O QUARTO DE BANHO

A pomba pousa no basculante
assiste ao esguicho da água
à canção das torneiras

ao glissiglissar dos sabonetes
à purificação dos corpos
e voa.

Posfácio

OS IMPASSES DO TEMPO

Betina Bischof

As impurezas do branco, coletânea publicada em 1973, tem feição singular quando comparada a outras obras de Drummond do mesmo período: *Boitempo* (1968), *Menino antigo* (também de 1973) e *Esquecer para lembrar* (1979). Se nesses três livros (mais tarde reunidos sob a rubrica única de *Boitempo*) o poeta se volta à rememoração de sua infância sem o travo de inquietude que comumente caracteriza suas reflexões sobre o mundo e sobre si mesmo,¹ em *As impurezas do branco* a tonalidade é diversa, abrindo-se, principalmente no início do livro, a uma espécie de “oficina irritada” em que o descompasso do eu com seu tempo surge como tema central. A realidade apresenta-se aí como refratária ao eu, que não a pode alcançar — o que se desdobra num dos temas recorrentes do livro: o da vida que não se viveu.

*Se se admiram de eu estar vivo,
esclareço: estou sobrevivivo.
Viver, propriamente, não vivi
senão em projeto. Adiamento.
Calendário do ano próximo.
Jamais percebi estar vivendo
quando em volta viviam quantos! quanto.
[“Declaração em juízo”]*

O tema não é novo, na obra de Drummond. Pode-se vê-lo, por exemplo, já em *Claro enigma*, de 1951:

*[...] a vida, se persiste,
passa descompassada,
.....
Todos vêm cedo, todos
chegam fora de tempo,
antes, depois. Durante,
quais os que aportam? [...]
Como saber que foi*

*nossa aventura, e não
outra, que nos legaram?*
[“A um varão, que acaba de nascer”]

Também em *Lição de coisas* (1962) há um poema que figura em tom melancólico o descompasso entre sujeito e vida:

*Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara.
Sem uso,
ela nos espia do aparador.*
[“Cerâmica”]

Mas, se em *Lição de coisas* o material a que se alude são cacos de “cerâmica” (matéria que, a despeito de sua fragmentação, *permanece* ao longo do tempo), aqui em *As impurezas do branco* o substrato que resume o esfacelamento do vivido é mais frágil, mesclando o sem sentido da vida à pergunta, latente e dolorosa, sobre a função e importância da poesia em sua obra:

*E tudo que eu pensei
e tudo que eu falei
e tudo que me contaram
era papel.
E tudo que descobri
amei
detestei:
papel.
Papel quanto havia em mim
e nos outros [...].*
[“Papel”]

Talvez seja nessa direção (a de um radical afastamento de todo sentido possível, reduzido a matéria sem permanência) que se possa interpretar um dos trechos de “Declaração em juízo”:

*Se é triste/cômico
ficar sentado na plateia
quando o espetáculo acabou*

*e fecha-se o teatro,
mais triste/grotesco é permanecer no palco,
ator único, sem papel,
quando o público já virou as costas
e somente baratas
circulam no farelo.*

A mistura de *tristeza* e *grotesco* liga-se à ausência de público e à desapareição dos outros atores. O eu não tem mais o seu papel, o teatro fechou e o que resta é matéria degradada: baratas, farelo. Mas, se o que está em jogo na imagem proposta é o palco, que ator é esse e qual o espetáculo que se encenava? Qual a voz que não se escuta mais, no fechamento do teatro? Esse poema não retomaria, sob outra chave, a reflexão que faz vida e poesia equivalentes de matéria sem valor, sem duração (“papel”)? Não estaria aqui figurada a crise de uma poesia em relação a um tempo que já não responde a ela (“o espetáculo acabou/ e fecha-se o teatro”)? Pois um dos aspectos da perplexidade que se desenha, lembrado na ausência de densidade do meio literário (“sou sobrevivente”), retorna no final de “Declaração em juízo” em referência direta:

*Acabo de notar, e sem surpresa:
não me ouvem no sentido de entender,
nem importa que um sobrevivente
venha contar seu caso, defender-se
ou acusar-se, é tudo a mesma
nenhuma coisa, e branca.*

Se a impossibilidade de que o compreendam já aparecia em alguns poemas ao longo de sua obra poética,² esse quadro se acirra nas primeiras páginas de *As impurezas do branco*, em que toma forma o difícil lugar da expressão poética de Drummond na década de 1970:

*[...] Sou o único, entendem?
de um grupo muito antigo
de que não há memória nas calçadas
e nos vídeos.*

escreve em “Declaração de juízo”, poema de *As impurezas do branco*.

O “grupo antigo” se desdobra provavelmente em vários, ao longo do século xx. O primeiro seria aquele que se reuniu em Belo Horizonte no ano de 1923.³ Pode-se distinguir no texto de *Confissões de Minas* que Drummond dedica a um companheiro desse tempo o vínculo entre literatura e vida — ou entre a literatura e um meio intelectual atuante e denso: “[...] João Guimarães é todo um pedaço de minha vida, como terá sido para Milton Campos, Batista Santiago, João Alphonsus, rapazes que, à feição de todos os rapazes do mundo, *misturamos um dia a coisa literária com a coisa humana*”.⁴ Também o poema de *As impurezas do branco* em que Drummond rememora o encontro com outro mineiro, Emílio Moura, dá conta (em surdina) do vínculo estreito e harmonioso entre a marcha do tempo e aquela dos poetas:

Agora a noite caminha no passo dos estudantes versíferos.

.....

E Verlaine, Samain, Laforgue, Antônio Nobre,

*Alphonsus, tanta gente, nos acompanham sem ruído.*⁵

Pode-se afirmar que é justamente essa companhia que falta, no teatro esvaziado de “Declaração em juízo”. Uma das interpretações a que se abre esse poema parece se ligar ao ambiente que marcou o modernismo e seus desdobramentos (os grupos, engajamentos, discussões, projetos, afetos), figurado agora em ausência no poema que dá voz crítica à solidão do poeta.

A nota escurecida de alguns dos poemas de *As impurezas do branco* não é exclusiva, no entanto, da época em que se escreveu o livro ou do *sentimento de mundo* do poeta *gauche*, mais afeito às sombras e à desilusão. Algo do olhar ensombreado sobre os desdobramentos estéticos e políticos do modernismo aparece já em 1942, num texto de Mário de Andrade (a sua famosa conferência sobre o movimento modernista). Pode-se apreender o que diz Mário em duas direções: um balanço do modernismo em sua dimensão coletiva (mais arejado e clareador) e outro *confessional* (escurecido e negativo) — lembrando, no entanto, que a avaliação centrada em sua pessoa passa em revista o coletivo e este é perpassado pela autocrítica. Veja-se como exemplo do

segundo momento de seu texto: “Vítima do meu individualismo, procuro em vão nas minhas obras, e também nas de muitos companheiros, uma paixão mais temporânea, uma dor mais viril da vida. Não tem. Tem mais é uma antiquada ausência de realidade em muitos de nós”.⁶ O duro juízo se repete mais à frente:

*Deveríamos ter inundado a caducidade utilitária do nosso discurso, de maior angústia do tempo, de maior revolta contra a vida como está [...] E si agora percorro a minha obra já numerosa e que representa uma vida trabalhada, não me vejo uma só vez pegar a máscara do tempo e esbofeteá-la como ela merece.*⁷

O impressionante depoimento tem, no entanto, outra face: quando aborda o modernismo pelo seu aspecto mais coletivo (deixando de centrar-se em sua experiência pessoal), Mário de Andrade afirma que o movimento se voltara não apenas ao “direito permanente à pesquisa estética”, mas também ao empenho para que as mudanças estéticas se atualizassem em favor de uma realidade que as pudesse acompanhar (ou cujo devir a atualização estética *preparava*).⁸ E, se é justo ver na junção entre os dois lados o “aspecto contraditório e muitas vezes [...] precário”⁹ que o autor aponta no movimento, pode-se constatar que, sendo contraditório, por vezes ele apresenta ao longo da fala de Mário por uma face mais clara, que se desenvolve no vínculo entre atualização estética e devir: “O espírito revolucionário modernista, tão necessário como o romântico, preparou o estado revolucionário de 30 em diante [...]”.¹⁰ Ou ainda: o modernismo era

um estado de espírito revoltado e revolucionário que [...] a nós nos atualizou, sistematizando como constância da Inteligência nacional o direito antiacadêmico da pesquisa estética e [preparando] o estado revolucionário das outras manifestações sociais do país [...].

E, quando contrapõe o modernismo destruidor de 1922 ao modernismo das *figuras construidoras* de 1930, observa também, insistindo na mesma tecla, que a vida ainda os imitará.¹¹

Se Drummond compartilhou em alguma medida do vínculo entre poesia e vida (ou entre atualização estética e devir), tal como aparece nessa faceta do texto de Mário de Andrade, então a época em que

escreveu *As impurezas do branco* terá sido especialmente melancólica (porque ali desmorona, justamente, o devir cuja eclosão de certo modo se preparava nas formas estéticas do movimento a que aderiu, e que, em grande parte, ajudou a formar, acolhendo inclusive em seus poemas aquilo que Mário afirmara não ter conseguido fazer: “uma paixão mais temporânea, uma dor mais viril da vida”). Não será demais lembrar na recuperação da atmosfera de 1973 que, aos “corações [...] sonolentos/servos da alienação e da aparência”, descritos por Drummond neste livro, soma-se ainda a opressiva situação política, que jogou por terra imensa parcela dos anseios do modernismo: estamos há nove anos sob ditadura militar e há cinco sob o AI-5.

Nesse sentido, a afirmação de Drummond, em *As impurezas do branco*, de que não viveu pode deixar o terreno restrito da subjetividade para ser vista como resultado do descompasso mais abrangente entre possibilidade e fechamento, entre um projeto e o não cumprimento de suas premissas, entre anseios (pessoais, estéticos, políticos) e a realidade que não mais responde a eles (ou que lhes é francamente antagônica).

O aspecto político desse desencontro figura num dos poucos poemas de *As impurezas do branco* (“Tiradentes”) que contemplam a questão de uma república e de seus descaminhos. No jogo cromático de suas imagens, a república (almejada) é branca, como a sua bandeira, tornando-se depois rubra de sangue. A combinação branco e vermelho lembrará ao leitor de Drummond outro poema que mescla as duas cores (“Morte do leiteiro”, de *A rosa do povo*). Mas, se ali a mistura de branco (leite) e vermelho (sangue) compõe um tom que antecipa a aurora (elevando-se acima da contingência e apontando para um tempo além da violência e da propriedade que se defende com tiro), em “Tiradentes”, cuja história se lê a partir do contexto de 1973, o sangue é mancha, mesmo, e mácula da brancura (quatro vezes repetida) da *república visionária*. Nesse sentido, é difícil não ver esse poema como espécie de caixa de ressonância para a situação de opressão política então vivida.

A qualidade *visionária* da república antevista em Minas, no século XVIII, aponta para outro tema que nesse contexto lhe é próximo: o da

loucura. É louco o próprio Tiradentes (na fala de um terceiro, a quem o poema empresta voz):

Fujam deste homem que ele está doido.

.....
*Quer os frutos da terra divididos
entre mazombos pretos índios
escolas fábricas no país florente
de livres almas
americanas.*

A loucura, aqui, pressupõe a discordância da realidade assentada, e a proposição de uma outra, mais igualitária. Ora, também o conjunto de poemas sobre “Quixote e Sancho, de Portinari” (de *As impurezas do branco*) apresenta o tema da loucura de modo semelhante àquele que vemos em “Tiradentes”, ou seja, par a par com o aspecto *visionário* presente em ambas as figuras.

Em “Disquisição na insônia”, pertencente ao ciclo sobre as telas de Portinari, Drummond apresenta o tema em feição complexa, abrindo um interessante caminho ao ponto de vista de Sancho:

*Que é loucura: ser cavaleiro andante
ou segui-lo como escudeiro?
De nós dois, quem o louco verdadeiro?
O que, acordado, sonha doidamente?
O que, mesmo vendado,
vê o real e segue o sonho
de um doido pelas bruxas embruxado?*

Pode-se distinguir algo do próprio Drummond em sua leitura das personagens: a tendência *visionária* daquele que, *acordado, sonha doidamente*, convivendo com uma visão marcada pela negatividade sem ilusões e sem escape (*vê o real, mesmo vendado*). Se aqui, na mistura Sancho/Drummond, há a possibilidade de vislumbrar sonho e utopia, mesmo sendo confrontado pelo sentido incontornável de uma realidade bloqueada, no final do ciclo sobre as personagens de Cervantes o tom se

fecha, contemplando, antes, a desilusão definitiva do Quixote, que se bateu por nada:

*Pelejaste mais do que a peleja
(e perdeste).*

De todo modo, a série de poemas sobre as telas de Portinari, publicada anteriormente à coletânea de 1973 e a ela incorporada, não destoam do conjunto de seus poemas. Pois em *As impurezas do branco* parece haver, justamente, um acirramento do descompasso que orienta os embates das personagens de Cervantes, ou seja, um acirramento do desencontro entre sonho e realidade. O que se coloca no lugar do anseio utópico, na coletânea de 1973, são os descaminhos de uma realidade marcada por um progresso que não serve ao homem, pela ditadura (que vai contra o aspecto visionário da república almejada), pela submissão do homem aos ditames da racionalidade instrumental e da funcionalidade, pela desilusão do poeta *gauche*, que afirma não ter vivido (e as implicações críticas e estéticas que isso traz à sua poesia).

Uma das marcas disso, no livro de 1973, está na incorporação de instâncias avessas à expressão lírica (a própria comunicação e sua palavra vazia). “Ao deus Kom Unik Assão”, primeiro poema, já introduz o leitor ao tom da coletânea. Ali se dá voz a uma negatividade irritada, que estabelece em tom dissonante o descompasso entre uma lírica voltada à expressão do homem e o patamar (técnico, científico, permeado em tudo pela comunicação) atingido pela modernização. Nesse poema, Drummond deforma a língua, para tornar visível, justamente, a qualidade do informe:

*Eis-me prostrado a vossos peses
que sendo tantos todo plural é pouco.*

Também as figuras deixam-se contaminar pelo aspecto tortuoso que lhes penetra a configuração, numa linguagem de dejetos (da indústria, da moda, do lugar-comum) que implica uma singular situação do eu:

[...] *disperso espremo e desexprimo*

o que em mim aspirava a ser humano.

Há aqui uma espécie de lírica pelo avesso (a *desexpressão*), que se aproxima do “lugarfalar comum”, em que a repetição (“A vontade sem vontade encrespa-se exige/ contravontades mais./ E se consome no consumo”) de palavras, a dispersão, a metáfora descabida (“Vossa pá lavra o chão de minha carne/ e planta beterrabos balouçantes/ de intenso carneiral belibalentes”), a deformação (*devo estar morrendos*) enfatizam o gesto de um eu que apequena aquilo que toca (em vez de expandi-lo): o aspecto humano torna-se, aqui, “humano”. Há também um movimento contrário, que faz o eu expandir-se em direção a uma estranha coletividade: “Se estou alegre, devo estar ruidosos”. Ambos os caminhos dão conta da crise do sujeito, que se apequena ou se expande ao perder o que distingue o aspecto humano e singular (*humano*).

Se a poesia de Drummond apresentou muitas vezes um perfil mesclado ou *impuro*, incorporando aspectos da prosa, abrindo-se à comunicação e ao engajamento, trazendo para o coração da lírica a *irritação* com a matéria poética, e assim forçando as fronteiras do poema, em *As impurezas do branco* essa tendência adquire, principalmente nos primeiros poemas da coletânea, um perfil diverso e mais incisivo. No livro de 1973, o poema se abre mais radicalmente a materiais não poéticos (e que não são, como no modernismo, tocados pela poesia, malgrado a sua origem terra a terra ou cotidiana). O novo, em “Ao deus Kom Unik Assão”, não vem marcado por aquilo que o caracterizava, no modernismo (provocar estranhamento, transformar a sensibilidade, alterar padrões e convenções, ampliar o conceito de lírica, atualizar a inteligência). Os neologismos retorcidos, as imagens dissonantes, a nomenclatura trazida de âmbitos distintos permanecem, no poema, como um corpo estranho, ou, por outro lado, levam o poema a uma distensão tal, que aquilo que ele expressa (ou *desexpressa*) parece ser antes a crise da poesia no mundo refratário, em que o aspecto humano se degrada numa espécie de capricho da subjetividade (com a qual faz eco, de modo latente, a situação política do país).

Desse modo, a forma que aproxima a lírica dessa espécie de *desexpressão* parece estar a serviço de uma urgência que aponta, com perplexidade, aquilo que contamina os seus versos, fazendo-os

incorporar os dejetos de seu tempo para que melhor se ouçam, no poema, os desacordes do mundo. Assim, “Ao deus Kom Unik Assão” parece abrir-se aos aspectos dúbios da realidade para torná-los mais *claros* na superfície *suja* do poema (e estaria aí seu claro enigma, título que parece recuperado no *branco impuro* da coletânea de 1973).

Se o primeiro poema do livro se volta à espécie de *impureza* que a modernidade, a reificação e a comunicação esvaziada introduzem na constelação lírica, há outros que continuam o esforço de delimitar os aspectos *sujos* com os quais se defronta o poeta, na década de 1970. E, se Drummond parece ter composto o livro como uma espécie de estudo/experimento sobre o jogo cromático entre o branco e a impureza, talvez esteja no estudo desta última a justificativa para a escrita dos poemas de ocasião (sem a densidade dos poemas marcados pela negatividade, ou mesmo da lírica amorosa). Pois é possível ver os poemas ocasionais do livro como uma espécie de continuação da pesquisa sobre o aspecto impuro (a incorporação de vocabulário dúbio, dissonante, a ausência de ênfase, o assunto que se perde em sua própria leveza) que, contaminando temas e motivos, reduz também a voltagem do ritmo preciso, da imagem recortada, do vocabulário inventivo e renovador. Em *As impurezas do branco*, Drummond percorre todo o espectro daquilo que contamina o *branco* do poema: desde o vermelho que corrompe a alva bandeira dos Inconfidentes, passando pela incorporação de vocabulário estranho ao âmbito da lírica (a moda, a indústria cultural, a comunicação e seus vazios), até os temas ocasionais — poemas cujo desenvolvimento prescinde de uma forma mais acabada.

Talvez esteja nesses poemas de circunstância — fragmentos do dia a dia, anotações corriqueiras, lembranças de familiares, mudanças na moda etc. — a razão pela qual a fortuna crítica dedicou pouca atenção ao livro. E, no entanto, é possível ver a relativa falta de prumo de algumas estrofes e versos não necessariamente como problema de forma ou expressão, mas como sintoma de um contexto mais amplo, que se volta, justamente, à indagação sobre o lugar e função do poema, abrindo-o a uma linguagem que não partilha mais da compressão e densidade líricas, e que problematiza a oficina do poeta.

Mas, se o tom dos poemas de ocasião é leve (ainda que sua leveza cause incômodo ao leitor), a tônica de *As impurezas do branco* parece recair antes num tom negativo, sem lugar para celebrações ou esperanças (como se apresenta principalmente em seus primeiros poemas). Um exemplo é “Viver”, em que o poeta sintetiza o descompasso entre vida e sentido:

*Mas era apenas isso,
era isso, mais nada?
Era só a batida
numa porta fechada?
E ninguém respondendo,
nenhum gesto de abrir:
era, sem fechadura,
uma chave perdida?*

Com relação ao quadro escurecido que se desenha com a leitura do livro, pode-se pensar ainda nos versos que melancolicamente descobrem em Deus a tristeza maior:

*Domingo descobri que Deus é triste
pela semana afora e além do tempo.
.....
Deus não está diante de Deus.
Está sempre em si mesmo e cobre tudo
tristinfinitamente.
[“Deus triste”]*

Também no poema dedicado ao amigo que morreu (“Ausência de Rodrigo”) se incorpora a perplexidade ante o desaparecimento à forma do poema, que fenece igualmente:

*As coisas que restituiu ao sol da História
não cantam, não me contam de Rodrigo.
A mosca bailarina
pousa no tampo de vidro
na mesa em que Rodrigo trabalhava
na mesa em que
na mesa*

na

E, no entanto, a cerrada construção de um arcabouço negativo encontra uma brecha inesperada, neste livro. Essa abertura não vem de uma mudança de ponto de vista, mas da abordagem de um tema forte o suficiente para mudar a tônica escurecida do livro. O poema em que isso acontece, “Parolagem da vida”, começa paradoxalmente aprofundando a afirmação de ausência de sentido:

*Como a vida muda.
Como a vida é muda.
Como a vida é nuda.
Como a vida é nada.
Como a vida é tudo.
Tudo que se perde
mesmo sem ter ganho.
Como a vida é senha
de outra vida nova
que envelhece antes
de romper o novo.*

A nulidade sem remissão, o nascer que é já fenecer: tudo leva a crer que aqui não há brechas, não há salto possível, não há abertura. No entanto, uma instância rompe, de forma inesperada, o cerco das coisas bloqueadas: no mesmo poema lemos, mais à frente:

*Como a vida vale
mais que a própria vida
sempre renascida
em flor e formiga
em seixo rolado
peito desolado
coração amante.
E como se salva
a uma só palavra
escrita no sangue
desde o nascimento:
amor, vidamor!*

Há aqui uma transformação de peso. O neologismo (*vidamor*) força a passagem da afirmação de sentido em meio aos impasses de uma realidade bloqueada, travada. É a partir dessa primeira brecha, introduzida por “Parolagem da vida”, que Drummond escreve outro poema sobre o “Amor e seu tempo”:

*Amor é privilégio de maduros
estendidos na mais estreita cama,
que se torna a mais larga e mais relvosa*

.....

É isto, amor: [...]

.....

*leitura de relâmpago cifrado,
que, decifrado, nada mais existe
valendo a pena e o preço do terrestre,
salvo o minuto de ouro no relógio
minúsculo, vibrando no crepúsculo.*

“Amor e seu tempo” baseia-se num jogo de estreitamento e alargamento, no qual a uma realidade maior corresponde outra, *minúscula*: a mais estreita cama, “que se torna a mais larga e mais relvosa”; “cada poro” que se transforma (ampliando a imagem, e alçando-a) em “céu do corpo”. Se o amor é “leitura de relâmpago cifrado”, com a sua decifração, nada mais vale “a pena e o preço do terrestre”. Anula-se o mundo ou, por outro lado, o sentido deixa as coisas, os embates, o cotidiano, para se apegar, entrando numa dimensão avessa à história, ao

*[...] minuto de ouro no relógio
minúsculo [...].*

A contrição daquilo que é passível de carregar valor e sentido constrói uma espécie de refúgio contra a negatividade. É preciso notar, no entanto, a natureza desse caminho: o sentido se deixa recompor, unicamente, em terreno resguardado, como se a redenção do mundo (*a vida se salva*) só fosse possível no âmbito da subjetividade. O que, se de um lado afasta o poema de um contato com uma realidade mais ampla,

de outro (e talvez seja essa a questão mais importante para Drummond) livra seus versos de afirmar um sentido positivo num mundo em que essa possibilidade não está mais dada.

Num texto de *Passeios na ilha* há um comentário sobre a poesia em tons abertamente positivos que talvez ajude a entender a necessidade de levar para a interioridade o momento de afirmação (que é, nesse caso, o momento amoroso). Escrevendo sobre um livro de poemas que lhe caiu em mãos, Drummond comenta os versos em que a poeta afirma viver “a hora da canção feliz”. Diz Drummond: “Os poetas se iludem como os outros homens, e este livro de Maria Isabel é fruto de generosa ilusão. Ela *antecipou*¹² a hora da canção feliz”.¹³ O receio de incompatibilidade da felicidade contida na canção com o seu tempo (ela seria, no momento presente, uma *antecipação*) é justamente o que leva à necessidade de carregar para a interioridade (*relógio minúsculo*) qualquer sentido de afirmação ou positividade. Se lembrarmos o feitio da realidade que se apresenta em *As impurezas do branco*, entenderemos por que será necessário deixar o amor restar nas sombras, ou, por outro lado, nos domínios da subjetividade, onde ele não se contamina por instâncias adversas e, mais importante, onde ele não possa, vindo sem mais à luz do dia, degradar-se em mero engano ou antecipação de um sentido positivo que a vida ainda não sustenta, em sua completude.

Assim, excetuando o tema amoroso (ou ainda os poemas de ocasião ou o cantar de amigos, em que constam poemas sobre Rodrigo Melo Franco de Andrade, Emílio Moura, Manuel Bandeira, Noel Nutels, Tarsila, Bianco, Fayga Ostrower, Wega), o tom de *As impurezas do branco* se voltará à incompletude e à negatividade. Veja-se, por exemplo, o que Drummond escreve no último poema da série sobre D. Quixote:

Dorme, Alonso Quexana.

Pelejaste mais do que a peleja

(e perdeste).

.....

O ímpeto

o relento

a desmesura

.....

de que valeu o tudo desse nada?

.....

*Neutras estátuas de alimárias velam
a areia escura de teu sono
despido de todo encantamento.
Dorme, Alonso, andante
petrificado
cavaleiro-desengano.*

Alonso Quexana é, como se sabe, o nome do fidalgo da Mancha, que, enlouquecendo com a excessiva leitura de novelas de cavalaria, toma a si o nome de D. Quixote. Assim, fechar o ciclo sobre as personagens de Cervantes com a menção àquele que foi o Quixote antes da loucura (e antes do aspecto *visionário* que o caracteriza) volta o poema para a espécie de atmosfera sem sonho, sem mitos, do ser *despido de todo encantamento*, que dá o tom da coletânea de 1973.

A feição desencantada deste livro de Drummond abre-lhe um espaço singular com relação à poesia de seu tempo. Interessante, por exemplo, é contrapor o olhar soturno que Drummond lança sobre o mundo à feição positiva dos poetas marginais, contemporâneos de *As impurezas do branco*. Se a poesia marginal se volta contra “o intelectualismo, o formalismo e a despersonalização das poéticas construtivas dominantes”, fazendo do poema “um modo de assegurar a realização plena do sujeito, em termos vitais, emocionais e existenciais”,¹⁴ a diferença dessa poesia em relação à de Drummond, na mesma época, não poderia ser maior: pois é justamente a não realização do sujeito o tema-chave desta coletânea, que funciona, em seu interior, com uma disposição crítica que não se encontrará entre os poetas marginais. A diferença maior entre Drummond e a poesia marginal pode ser estabelecida pelo modo como um e outro lidam com o âmbito da subjetividade. Se os marginais colocam o vitalismo do eu como dado positivo — em contraposição (e enfrentamento) também ao poder dominante —, em Drummond eu e mundo não vêm nunca separados, e as sombras de um penetram, forçosamente, o outro. O resultado disso é que a figura escurecida do poeta *gauche* pode ser um meio de delinear, com mais clareza, os impasses e mazelas do tempo presente, que talvez

se diluam na poesia mais afirmativa de seus companheiros de ofício, na mesma década.

1 Cf. Antonio Candido, “Poesia e ficção na autobiografia”, em *A educação pela noite*, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 66.

2 Veja-se, a título de exemplo, este trecho do poema “Canção de berço”, de *Sentimento do mundo*: “[...] Os homens não me repetem/ nem me prolongo até eles./ A vida é tênue, tênue./ O grito mais alto ainda é suspiro,/ os oceanos calaram-se há muito [...]”.

3 Nesse grupo, “Abgar Renault, Gustavo Capanema, Emílio Moura, Milton Campos, Pedro Nava, Mario Casasanta, Martins de Almeida, Gabriel Passos, e outros mais episódicos, decompunham e recompunham o espetáculo humano e preparavam materiais de cultura”. “Recordação de Alberto Campos”, em *Confissões de Minas*, São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 50. Nesse mesmo texto, escrito por ocasião da morte de Alberto Campos, Drummond pontua a riqueza das trocas e experiências do grupo: “[...] é impossível esquecer, Alberto, aquilo que lhe fiquei devendo: a excitação intelectual, as leituras reveladoras, a confirmação do gosto da poesia como um alimento cotidiano, a descoberta de Stendhal, a admiração em comum de Gide, de Dostoiévski” (p. 50).

4 *Confissões de Minas*, ed. cit., p. 56.

5 “O poeta irmão”, poema de *As impurezas do branco*.

6 Mário de Andrade, “O movimento modernista”, em *Aspectos da literatura brasileira*, São Paulo: Livraria Martins Editora/ INL, 1972, p. 252.

7 Idem, ibidem, p. 253.

8 “O movimento da Inteligência que representamos, na sua fase verdadeiramente ‘modernista’ não foi o fator das mudanças político-sociais posteriores a ele no Brasil. Foi essencialmente um preparador; o criador de um estado de espírito revolucionário e de um sentimento de arrebenção.” Op. cit., p. 241.

9 Op. cit., p. 252.

10 Op. cit., p. 250.

11 Op. cit., p. 242.

12 Grifo meu.

13 Carlos Drummond de Andrade, “Maria Isabel”, em *Passeios na ilha*, São Paulo, Cosac Naify, 2011, p. 208.

14 Iumna Maria Simon, “Considerações sobre a poesia brasileira em fim de século”, *Novos Estudos Cebrap*, nov. 1999, p. 33.

Leituras recomendadas

BISCHOF, Betina.

*Razão da recusa: um estudo da poesia
de Carlos Drummond de Andrade.*

São Paulo: Nankin, 2005.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos.

Confissões de Minas.

São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MARQUES, Ivan.

Cenas de um modernismo de província.

São Paulo: Editora 34/ FFLCH-USP, 2011.

VILLAÇA, Alcides.

Passos de Drummond.

São Paulo: Cosac Naify, 2006.

Cronologia

- 1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.
- 1910 Inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito.
- 1916 É matriculado como aluno interno no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco. Interrompe os estudos por motivo de saúde.
- 1917 De volta a Itabira, toma aulas particulares com o professor Emílio Magalhães.
- 1918 Aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, colabora na *Aurora Colegial*. No único exemplar do jornalzinho *Maiô...*, de Itabira, o irmão Altivo publica o seu poema em prosa “Onda”.
- 1919 É expulso do colégio em consequência de incidente com o professor de português. Motivo: “insubordinação mental”.
- 1920 Acompanha sua família em mudança para Belo Horizonte.
- 1921 Publica seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas*. Frequenta a vida literária de Belo Horizonte. Amizade com Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Casassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Aníbal Machado, Pedro Nava, Gabriel Passos, Heitor de Sousa e João Pinheiro Filho, *habitués* da Livraria Alves e do Café Estrela.
- 1922 Seu conto “Joaquim do Telhado” vence o concurso da *Novela Mineira*. Trava contato com Álvaro Moreyra, diretor de *Para Todos...* e *Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro, que publica seus trabalhos.
- 1923 Ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.
- 1924 Conhece, no Grande Hotel de Belo Horizonte, Blaise Cendrars, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, que regressam de excursão às cidades históricas de Minas Gerais.
- 1925 Casa-se com Dolores Dutra de Moraes. Participa — juntamente com Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo — do lançamento de *A Revista*.
- 1926 Sem interesse pela profissão de farmacêutico, cujo curso concluíra no ano anterior, e não se adaptando à vida rural, passa a lecionar geografia e português em Itabira. Volta a Belo Horizonte e, por iniciativa de Alberto Campos, ocupa

- o posto de redator e depois redator-chefe do *Diário de Minas*. Villa-Lobos compõe uma seresta sobre o poema “Cantiga de viúvo” (que iria integrar *Alguma poesia*, seu livro de estreia).
- 1927 Nasce em 22 de março seu filho, Carlos Flávio, que morre meia hora depois de vir ao mundo.
- 1928 Nascimento de sua filha, Maria Julieta. Publica “No meio do caminho” na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, dando início à carreira escandalosa do poema. Torna-se auxiliar na redação da *Revista do Ensino*, da Secretaria de Educação.
- 1929 Deixa o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no *Minas Gerais*, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.
- 1930 *Alguma poesia*, seu livro de estreia, sai com quinhentos exemplares sob o selo imaginário de Edições Pindorama, de Eduardo Friereiro. Assume o cargo de auxiliar de gabinete de Cristiano Machado, secretário do Interior. Passa a oficial de gabinete quando seu amigo Gustavo Capanema assume o cargo.
- 1931 Morre seu pai.
- 1933 Redator de *A Tribuna*. Acompanha Gustavo Capanema durante os três meses em que este foi interventor federal em Minas.
- 1934 Volta às redações: *Minas Gerais*, *Estado de Minas*, *Diário da Tarde*, simultaneamente. Publica *Brejo das almas* (duzentos exemplares) pela cooperativa Os Amigos do Livro. Transfere-se para o Rio de Janeiro como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, novo ministro da Educação e Saúde Pública.
- 1935 Responde pelo expediente da Diretoria-Geral de Educação e é membro da Comissão de Eficiência do Ministério da Educação.
- 1937 Colabora na *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda.
- 1940 Publica *Sentimento do mundo*, distribuindo entre amigos e escritores os 150 exemplares da tiragem.
- 1941 Mantém na revista *Euclides*, de Simões dos Reis, a seção “Conversa de Livraria”, assinada por “O Observador Literário”. Colabora no suplemento literário de *A Manhã*.
- 1942 Publica *Poesias*, na prestigiosa Editora José Olympio.
- 1943 Sua tradução de *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac, vem a lume sob o título *Uma gota de veneno*.
- 1944 Publica *Confissões de Minas*.
- 1945 Publica *A rosa do povo* e *O gerente*. Colabora no suplemento literário do *Correio da Manhã* e na *Folha Carioca*. Deixa a chefia do gabinete de Capanema e, a convite de Luís Carlos Prestes, figura como codiretor do diário comunista *Tribuna Popular*. Afasta-se meses depois por discordar da orientação do jornal. Trabalha na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), onde mais tarde se tornará chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento.

- 1946 Recebe o Prêmio de Conjunto de Obra, da Sociedade Felipe d'Oliveira.
- 1947 É publicada a sua tradução de *Les liaisons dangereuses*, de Laclos.
- 1948 Publica *Poesia até agora*. Colabora em *Política e Letras*. Acompanha o enterro de sua mãe, em Itabira. Na mesma hora, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é executado o “Poema de Itabira”, de Villa-Lobos, a partir do seu poema “Viagem na família”.
- 1949 Volta a escrever no *Minas Gerais*. Sua filha, Maria Julieta, casa-se com o escritor e advogado argentino Manuel Graña Etcheverry e vai morar em Buenos Aires. Participa do movimento pela escolha de uma diretoria apolítica na Associação Brasileira de Escritores. Contudo, juntamente com outros companheiros, desliga-se da sociedade por causa de atritos com o grupo esquerdista.
- 1950 Viaja a Buenos Aires para acompanhar o nascimento do primeiro neto, Carlos Manuel.
- 1951 Publica *Claro enigma*, *Contos de aprendiz* e *A mesa*. O volume *Poemas* é publicado em Madri.
- 1952 Publica *Passeios na ilha* e *Viola de bolso*.
- 1953 Exonera-se do cargo de redator do *Minas Gerais* ao ser estabilizada sua situação de funcionário da DPHAN. Vai a Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luis Mauricio. Na capital argentina aparece o volume *Dos poemas*.
- 1954 Publica *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*. É publicada sua tradução de *Les paysans*, de Balzac. A série de palestras “Quase memórias”, em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de crônicas “Imagens”, no *Correio da Manhã*, mantida até 1969 .
- 1955 Publica *Viola de bolso novamente encordoadá*. O livreiro Carlos Ribeiro publica edição fora de comércio do *Soneto da buquinagem*.
- 1956 Publica *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*. Sai sua tradução de *Albertine disparue*, ou *La fugitive*, de Marcel Proust.
- 1957 Publica *Fala, amendoeira* e *Ciclo*.
- 1958 Uma pequena seleção de seus poemas é publicada na Argentina.
- 1959 Publica *Poemas*. Ganha os palcos a sua tradução de *Doña Rosita la Soltera*, de García Lorca, pela qual recebe o Prêmio Padre Ventura.
- 1960 É publicada a sua tradução de *Oiseaux-Mouches Ornithorynques du Brésil*, de Descourtilz. Colabora em *Mundo Ilustrado*. Nasce em Buenos Aires seu neto Pedro Augusto.
- 1961 Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação. Morre seu irmão Altivo.
- 1962 Publica *Lição de coisas*, *Antologia poética* e *A bolsa & a vida*. Aparecem as traduções de *L'oiseau bleu*, de Maeterlinck, e *Les fourberies de Scapin*, de Molière, recebendo por esta

- novamente o Prêmio Padre Ventura. Aposenta-se como chefe de seção da DPHAN, após 35 anos de serviço público.
- 1963 Aparece a sua tradução de *Sult (Fome)*, de Knut Hamsun. Recebe, pelo livro *Lição de coisas*, os prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil. Inicia o programa *Cadeira de Balanço*, na Rádio Ministério da Educação.
- 1964 Publicação da *Obra completa*, pela Aguilar. Início das visitas, aos sábados, à biblioteca de Plínio Doyle, evento mais tarde batizado de “Sabadoyle”.
- 1965 Publicação de *Antologia poética* (Portugal); *In the middle of the road* (Estados Unidos); *Poesie* (Alemanha). Com Manuel Bandeira, edita *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Colabora em *Pulso*.
- 1966 Publicação de *Cadeira de balanço* e de *Natten och Rosen* (Suécia).
- 1967 Publica *Versiprosa, José & outros, Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema, Minas Gerais (Brasil, terra e alma), Mundo, vasto mundo* (Buenos Aires) e *Fyzika Strachu* (Praga).
- 1968 Publica *Boitempo & A falta que ama*.
- 1969 Passa a colaborar no *Jornal do Brasil*. Publica *Reunião* (dez livros de poesia).
- 1970 Publica *Caminhos de João Brandão*.
- 1971 Publica *Seleção em prosa e verso*. Sai em Cuba a edição de *Poemas*.
- 1972 Publica *O poder ultrajovem*. Suas sete décadas de vida são celebradas em suplementos pelos maiores jornais brasileiros.
- 1973 Publica *As impurezas do branco, Menino antigo, La bolsa y la vida* (Buenos Aires) e *Réunion* (Paris).
- 1974 Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.
- 1975 Publica *Amor, amores*. Recebe o Prêmio Nacional Walmap de Literatura. Recusa por motivo de consciência o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal.
- 1977 Publica *A visita, Discurso de primavera e Os dias lindos*. É publicada na Bulgária uma antologia intitulada *Sentimento do mundo*.
- 1978 A Editora José Olympio publica a segunda edição (corrigida e aumentada) de *Discurso de primavera e algumas sombras*. Publica *O marginal Clorindo Gato e 70 historinhas*, reunião de pequenas histórias selecionadas em seus livros de crônicas. *Amar-Amargo* e *El poder ultrajoven* saem na Argentina. A PolyGram lança dois LPs com 38 poemas lidos pelo autor.
- 1979 Publica *Poesia e prosa*, revista e atualizada, pela Editora Nova Aguilar. Sai também seu livro *Esquecer para lembrar*.
- 1980 Recebe os prêmios Estácio de Sá, de jornalismo, e Morgado Mateus (Portugal), de poesia. Publicação de *A paixão medida, En Rost at Folket* (Suécia), *The minus sign* (Estados Unidos), *Poemas* (Holanda) e *Fleur, téléphone et jeune fille...* (França).

- 1981 Publica, em edição fora de comércio, *Contos plausíveis*. Com Ziraldo, lança *O pipoqueiro da esquina*. Sai a edição inglesa de *The minus sign*.
- 1982 Aniversário de oitenta anos. A Biblioteca Nacional e a Casa de Rui Barbosa promovem exposições comemorativas. Recebe o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publica *A lição do amigo*. Sai no México a edição de *Poemas*.
- 1983 Declina do Troféu Juca Pato. Publica *Nova reunião* e o infantil *O elefante*.
- 1984 Publica *Boca de luar* e *Corpo*. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.
- 1985 Publica *Amar se aprende amando*, *O observador no escritório*, *História de dois amores* (infantil) e *Amor, sinal estranho* (edição de arte). Lançamento comercial de *Contos plausíveis*. Publicação de *Fran Oxen Tid* (Suécia).
- 1986 Publica *Tempo, vida, poesia*. Sofrendo de insuficiência cardíaca, passa catorze dias hospitalizado. Edição inglesa de *Travelling in the family*.
- 1987 É homenageado com o samba-enredo “O reino das palavras”, pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagra campeã do Carnaval. No dia 5 de agosto morre sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Muito abalado, morre em 17 de agosto.

Índice de primeiros versos

A arte completa,
A casa de Maria é alta,
Acorda, Maria, é dia,
— A fatigada festa de correr,
Ai, aqui onde estou,
Ainda que mal pergunte,
A mesa em que Rodrigo trabalhava,
A minha casa pobre é rica de quimera,
A mó da morte mói,
Amor é privilégio de maduros,
A morte não,
Ao termo da espiral,
A pomba pousa no basculante,
Aqui se pode conversar,
À tona do mundo irrompem,
A Z,
Bandeira de uma república visionária,
Bem te vi, bem-te-vi,
Brasil,
Caniço de pesca,
Cavaleiro que cai de cavalo,
Cinquenta anos: espelho d'água ou névoa? Tudo límpido,
Como a vida muda,
Corta-vento rompe-nuvem beira-céu,
Desabava,
Deus é triste,
Dorme, Alonso Quexana,
É certo que me repito,
Eis-me prostrado a vossos peses,
Em Vila Rosali Noel Nutels repousa,
Epa! Epa!,
Eram pastores de sol,
Estão demolindo,
Esta paisagem? Não existe. Existe espaço,
E tudo que eu pensei,
Fayga faz a forma,
Gentil caçadora,
— Gigantes,
Jack London Vachel Lindsay Hart Crane,

— Juntos na poeira das encruzilhadas conquistaremos a glória,
Mas era apenas isso,
Melodiosas mulheres movem-se,
Meu caro Luís, que vens fazer nesta hora,
Minas Gerais,
Minas não é palavra montanhosa,
Móviles de ouro da Praça General Osório,
Neste só, nestas brenhas,
No hipersupermercado aberto de detritos,
O carro do sol passeia rodas de incêndio,
O homem, bicho da Terra tão pequeno,
Oh, seja bem-vindo,
— Olha Alifanfarrão e seus guerreiros,
O mar entra no *living*,
O Museu de Erros passeia pelo mundo,
O tempo era bom? Não era,
Ó terrível,
O único assunto é Deus,
Peço desculpa de ser,
Pergunta a este macaco teu passado,
Quando digo “meu Deus”,
Quando é que sai o pagamento?,
Que é loucura: ser cavaleiro andante,
Quero que todos os dias do ano,
Rocinante,
Tarsila,
Tempo,
Toda a casa aqui se resume,
Um acabar seco, sem eco,
Uma desordem que se espraia,
Um silêncio tão perfeito,
Vênus de calça comprida é,
“Você não está mais na idade,
Volto pelos caminhos,

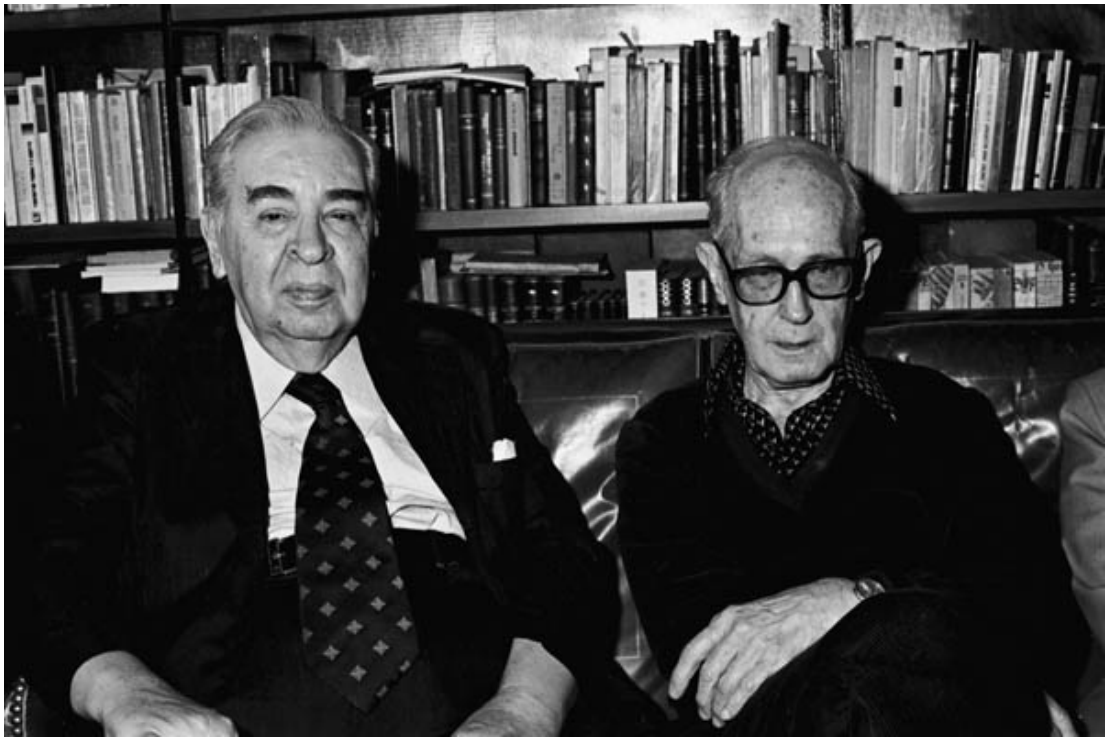




1 Num sabadoyle — as animadas e literárias reuniões, aos sábados, na casa do advogado Plínio Doyle — com Vinicius de Moraes.



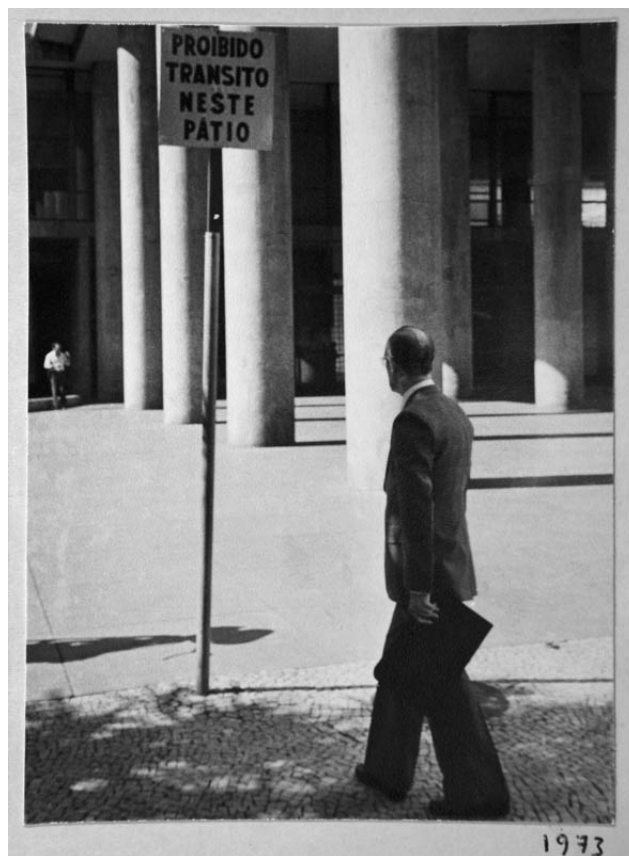
2 A moderna capa da primeira edição de *As impurezas do branco* (1973).



3 Com o amigo Pedro Nava, a quem saudou efusivamente a “estreia” literária com *Baú de ossos*, volume de memórias publicado em 1972.



4 No seu aniversário de setenta anos, com a filha Maria Julieta.





6



7

5, 6, e 7 Sequência no prédio do antigo Ministério da Educação, no Rio, para o curta *O fazendeiro do ar*, de Fernando Sabino e Davi Neves



8 *Dom Quixote e Sancho Pança saindo para suas aventuras*, de Candido Portinari, obra que inspirou uma sequência de 21 poemas de Drummond incluídos neste livro.



9 O poeta na praia de Copacabana, onde hoje há uma estátua em sua homenagem. O clima alegre e descompromissado da cidade na estação mais quente do ano inspirou o poema “Verão carioca 73”.

Crédito das imagens

Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre foi possível.

Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

© Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva.

I.

DR/ VM. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva.

2.

Acervo Otto Lara Resende/ Acervo Instituto Moreira Salles.

3.

Fernando Seixas/ Editora Abril.

4 e 9.

Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva.

5, 6 e 7.

DR/ Fernando Sabino. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva.

8.

Dom Quixote e Sancho Pança saindo para suas aventuras, por Candido Portinari. Lápis de cor sobre cartão, 1956. 28,5 × 21,5 cm. Imagem do Acervo Projeto Portinari. Reprodução autorizada por João Candido Portinari.

Carlos Drummond de Andrade
© Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro

sobre *Formas*, de Ivan Serpa, 1951,
óleo sobre tela, 97 x 130,2 cm.

Coleção: Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de São Paulo

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Márcia Copola

REVISÃO

Márcia Moura

Ana Luiza Couto

ISBN 978-85-8086-319-2

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br